

O PODER DE VISITA GUIADA
UMA IDEIA NUVEM DE LETRAS
O PLANETA
DOS
MAGAGOS
POESIA
UM DIA
CHÃO
FEIRA
A CASA DA ANDRÉA
PRÉMIO
NACIONAL DE
ILUSTRAÇÃO

MENSAL
N.º 53
OUTUBRO
2016
FUNDAÇÃO
JOSE
SARAMAGO

4

**O poder de
uma ideia**

Editorial

6

Leituras

Sara Figueiredo

9

Estante

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

16

**Poesia,
Um Dia**

Sara Figueiredo

36

**Editora
Chão da Feira**

Ricardo Viel

45

**A Casa da
Andréa**

Andréa Zamorano

54

**Prémio
Nacional de
Ilustração**

Andreia Brites

80

**And the
winner is...**

Andreia Brites

81

**Visita guiada:
Nuvem
de Letras**

Andreia Brites

96

Espelho Meu

Andreia Brites

101

**Saramaguiana:
O Planeta dos
Macacos**

José Saramago

112

Agenda

Blimunda

53

outubro

O poder de uma ideia

«O problema dos maus-tratos é um problema de homens, e por ser um problema dos homens têm de ser eles a resolvê-lo», disse José Saramago no início de 2006 numa entrevista a um canal de televisão espanhol. E como resolvê-lo? Manifestando-se, disse. Homens manifestando na rua, de forma multitudinária. A entrevistadora comentou que aquela lhe parecia ser uma boa ideia. «Pois aproveite-a», respondeu o escritor.

E a ideia foi aproveitada. Uns meses depois daquelas palavras de José Saramago, em outubro de 2006, algumas dezenas de homens marcharam pelas ruas de Sevilha pelo fim dos maus-tratos contra as mulheres. Deste então, o coletivo «Homens contra as violências machistas» manifesta-se anualmente, conseguindo mobilizar mais pessoas, ter mais visibilidade e chamar uma maior atenção para esta causa.

Em 2007, a plataforma anti-machismo quis fazer uma homenagem ao mentor da ideia, mas a saúde delicada de José Saramago impediu que viajasse para Sevilha.

Agora, passados dez anos da primeira marcha, o coletivo organiza um encontro de três dias na Universidade de Sevilha e uma homenagem póstuma ao escritor. Uma vez mais, centenas de homens tomarão as ruas de uma cidade, segurando faixas e lançando palavras contra um mal que é um problema de todos.

Graças ao esforço de uns bravos e lúcidos homens de Sevilha, uma boa ideia de José Saramago foi transformada em gesto, ação que pode mudar consciências e transformar realidades.

Blimunda 53
OUTUBRO 2016

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons



GONÇALO VIANA

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 às 18h / 10 am to 6 pm

**FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ
SARAMAGO
FOUNDATION
CASA DOS
BICOS**

NA MORTE DE DARIO FO

No mesmo dia em que se anunciava o Prémio Nobel da Literatura deste ano, um outro autor premiado com o mesmo galardão despedia-se do mundo. Dario Fo nasceu em 1926, em Leggiuno, uma pequena aldeia italiana próxima da fronteira com a Suíça. Depois da II Guerra Mundial, onde fugiu ao alistamento que o destinava a combater nas tropas de Mussolini, dedicou-se ao teatro e iniciou a produção de uma obra onde se contam muitas dezenas de títulos (não apenas de dramaturgia). Em 1997, recebia o Prémio Nobel da Literatura. Vários jornais dedicaram a Dario Fo algum espaço, ainda que disputando-o com a atribuição do Nobel deste ano. No *New York Times*, Jonathan Kandell assina um texto que percorre a biografia de Fo, analisando alguns momentos essenciais da sua carreira literária, dos problemas com a censura em tempos onde a censura já não era esperada ao modo inteligente e marcado pelo humor como ferramenta de pensamento com que sempre se relacionou com o mundo. «Another important influence was the tragicomic narrative tradition of the glass artisans near his native town. "They were the old storytellers, the master glassblowers who taught me and other children the craftsmanship, the art, of spinning fantastic yarns," Mr. Fo recalled in his Nobel speech. "We would listen to them, bursting



with laughter — laughter that would stick in our throats as the tragic allusion that surmounted each sarcasm would dawn on us.”»



UM NOBEL INESPERADO I

Bob Dylan foi o 113.º galardoado com o Prémio Nobel da Literatura e as redes sociais não perderam tempo a levantar trincheiras a favor e contra o facto. A Academia sueca justificou o prémio dizendo que se deveu à criação de «novas expressões poéticas no âmbito da tradição da grande canção americana». O *El País* preparou um dossier com vários textos onde se dá conta da polémica criada pela atribuição de um prémio literário a um compositor, letrista e cantor, mas também autor de livros. Num dos textos, Sergio Del Molino conclui que a polémica não é especificamente motivada por Dylan, mas por aquilo que implicará este prémio no modo futuro de a Academia encarar a literatura: «En el fondo asoma un temor, más o menos explícito, de que la literatura haya dejado de ser un patrimonio exclusivo de escritores, tal y como hemos conocido esa figura hasta hoy. El año pasado, una periodista. Este, un cantante. ¿Se rompe un monopolio o es que la literatura se está escapando a otros

cauces donde los autores de toda la vida ya no tienen autoridad?» Num outro texto do dossier, Guillermo Altares resume assim o papel da oralidade e da cantiga na formação do cânone literário universal: «Homero es tal vez el autor más leído e influyente de la historia de la cultura occidental. Los historiadores coinciden desde hace poco tiempo en que existió, esto es, en que hubo un autor único; en que posiblemente era ciego y en que no escribió una línea. Sus traductores prefieren decir que "compuso" la Iliada y la Odisea y evitan cuidadosamente la palabra escritura. Sus relatos forman parte de una larguísima tradición oral que se prolongó durante toda la antigüedad hasta bien entrado el Renacimiento, donde la cultura escrita comenzó a tomar cuerpo con la imprenta. El bardo francés François Villon o el anónimo autor de El Mío Cid han forjado la literatura occidental, al igual que los cuentos infantiles, relatos orales milenarios. Se puede argumentar que Bob Dylan, cuyo premio Nobel de Literatura ha generado una intensa polémica, forma parte de esa vieja tradición de juglares.»



UM NOBEL INESPERADO II

No jornal argentino *Clarín*, um texto de Mauro Libertella sobre a atribuição do Nobel a Bob Dylan coloca algumas questões sobre uma possível mudança de cânone, pelo menos de acordo com a leitura da Academia sueca. Não é a primeira vez que o Prémio Nobel da Literatura é entregue a autores que não escrevem aquilo que entendemos por literatura. Winston Churchill foi distinguido em 1953, «pela mestria na descrição histórica e biográfica e pela brilhante oratória na defesa dos valores humanos», Bertrand Russell venceu três anos antes, reconhecendo a Academia «os seus escritos variados nos quais se bate pelos ideais humanitários e pela liberdade de pensamento». Em anos recentes, as escolhas têm passado por autores mais distantes do romance enquanto forma literária por excelência e isso constitui motivo de reflexão sobre o que pode, ou não, estar a mudar na relação da Academia com o conceito de literatura: «Una de las críticas subterráneas que se le ha hecho a esta premiación, también, tiene que ver con el hecho de que en los últimos años la Academia parece haber dejado de lado a los novelistas, que han sido durante buena parte del siglo XX algo así como la literatura misma. Alice Munro (cuentista), Svetlana Alexievich (periodista), Bob Dylan (músico). ¿Qué ha pasado con los novelistas? Uno de los grandes candidatos era Philip Roth,



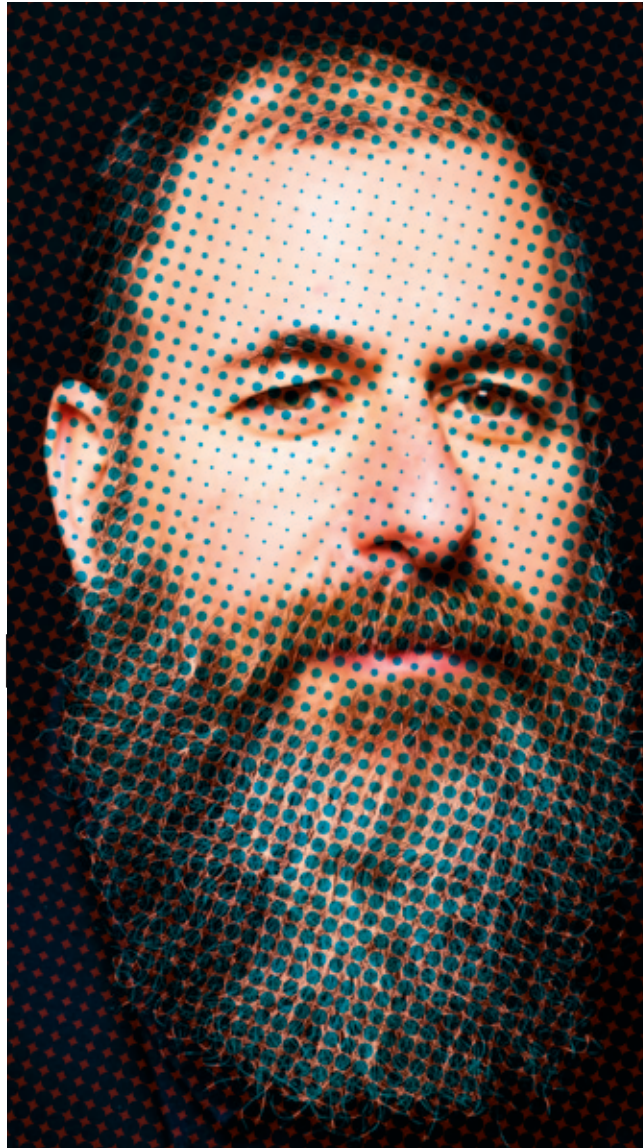
efectivamente un novelista. Al no dárselo, ¿la Academia está diciendo algo respecto de la actualidad del género novela? Es difícil de saber.»



A LITERATURA QUE ENGOLE O MUNDO

Na revista brasileira *Serrote*, Leonardo Villa-Forte assina um artigo sobre o trabalho do poeta norte-americano Kenneth Goldsmith, conhecido pelos seus exercícios de apropriação de discursos improváveis no contexto literário (dos relatos de jogos de baseball a anúncios comerciais).

«A prática que Goldsmith estabelece é fundamentalmente baseada na ação da recepção e do reaproveitamento. O autor é um receptor, tão receptor que sua obra é constituída daquilo que ele consome, não do que ele «cria». Ele consome, reformula e emite de volta por um outro caminho. A pergunta não é «o que criar?», mas «o que fazer com o que chega até mim?», “como tratar essa quantidade enorme de conteúdo?”, «como falar algo quando já estou tão soterrado de informação?». O receptor é um emissor, e o emissor é um receptor.» E, mais adiante, a propósito da Internet e do modo como esta mudou a nossa percepção do mundo, diz

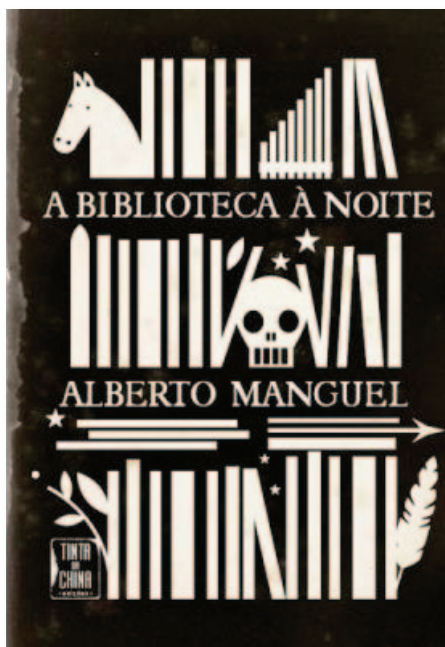


o seguinte: «A proliferação de testemunhos, depoimentos, registros, pronunciamentos e reportagens, alguns tão absurdos que chegam a ser inverossímeis, faz com que a ficção perca seu lugar privilegiado como fonte textual de uma boa história. É esta a base do trabalho de Kenneth Goldsmith: se a ficção continuar tentando imitar a realidade, criando histórias mais ou menos realistas que pedem ao leitor que esqueça por alguns momentos que aquilo é fabulação, ela seguirá perdendo terreno. Nossa necessidade de histórias, diz ele, já estaria sendo preenchida de outras maneiras. A literatura deveria se reservar um outro lugar neste momento. Lugar este que, para ele, é contaminado pela arte conceitual. Essa é a aposta de Goldsmith como artista, poeta e pensador.»



A Biblioteca à Noite
Alberto Manguel
Tinta da China

A BIBLIOTECA
COMO ESPELHO
E LABIRINTO



Paul Masson, um antigo magistrado que trabalhou na Bibliothèque National de France nos anos 30 do século passado, dedicou parte do seu tempo ao serviço da venerável instituição a criar fichas de catálogo para livros inexistentes. Como contava a escritora Colette, sua amiga, ele próprio inventava os títulos e respetiva informação bibliográfica, tudo de acordo com as rígidas regras da biblioteconomia, só que as fichas não correspondiam a qualquer livro que pudesse ser realmente consultado. Questionado sobre o problema de os livros não existirem, dizia Masson: «não posso fazer tudo!» A história é uma das muitas recolhidas por Alberto Manguel no livro *A Biblioteca à Noite*, originalmente publicado em 2006 e agora traduzido pela Tinta da China, mas esta será a mais superficial das leituras perante uma obra que é tudo menos uma compilação de anedotas bibliófilas. A partir da sua biblioteca pessoal, construída ao longo de uma vida que passou por diferentes geografias, Manguel assume a ideia de biblioteca a partir de ângulos muito diversos. Cada um desses ângulos transforma-se, aqui, num capítulo, e apesar da proliferação de histórias e personagens de distintas eras, o conjunto é uma reflexão profunda, bem documentada e, muitas vezes, comovente, sobre o papel das bibliotecas no quotidiano e na história da humanidade, mas sobretudo sobre o modo

como sempre foram pedra de toque identitária no que toca à vida de cada leitor. Alberto Manguel não é a sua biblioteca, mas, de certo modo, a biblioteca encerra quase todas as respostas sobre quem é Alberto Manguel, e o

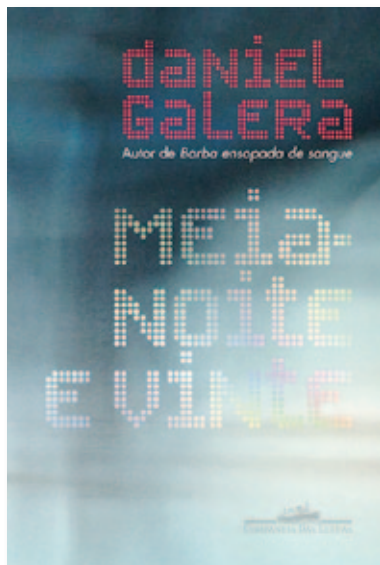
que o autor se dedica a fazer ao longo destas páginas é a explicar que essa faculdade de dar respostas e de criar novas perguntas sobre cada leitor é elemento comum a qualquer biblioteca pessoal. Do Código de Hamurabi à criação das bibliotecas nacionais, passando pelos biblioburros que, na Colômbia, levam livros às aldeias, ou pela destruição regular de livros e bibliotecas fundamentais ao longo da História, o autor procura sempre iluminar o modo como cada um destes momentos pôde mudar a vida de quem o viveu ou por ele foi afectado. Alberto Manguel abre a sua biblioteca como quem desdobra um mapa, apontando caminhos que lhe parecem seguros, mas igualmente dúvidas sobre traçados e possíveis desvios. Sem voyeurismo oferecido aos curiosos sobre as estantes do autor, há momentos em que conseguimos imaginar o espaço, a luz e o sossego do velho presbitério francês onde Manguel se instalou há alguns anos com os seus muitos milhares de livros, mas esses são os momentos em que percebemos que o discurso ordenado que podemos ler nasceu da desordem natural do gesto de ler: braço em direcção a uma estante, nenhuma obrigação de ler esta ou aquela página, salto lógico ou irracional para outro volume, que levará a outro, e depois a outro... Não haveria melhor destino para este livro do que ser, precisamente, uma ponte entre os outros a que se juntar numa qualquer estante.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO
PARALELO DOS RESTAURANTES.
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.



CESAREA.COM.BR

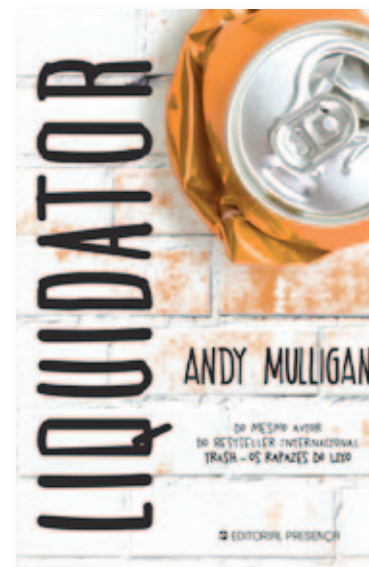


Meia Noite e Vinte

Daniel Galera

Companhia das Letras

Novo romance de Daniel Galera, ambientado em Porto Alegre durante um Verão de calor sufocante onde as greves de transportes acentuam a certeza de um inferno tropical. A narrativa intercala os pontos de vista de três protagonistas, contando uma história que são muitas histórias e onde, entre estilhaços, se vê o reflexo de uma certa geração do Brasil, a que passou do conforto económico para a incerteza sem tempo para se adaptar.



Liquidator

Andy Mulligan

Presença

Nesta segunda novela editada em Portugal, o escritor britânico regressa a um tema político. Desta feita um grupo de amigos descobre involuntariamente os efeitos nocivos de uma bebida consumida mundialmente e luta para denunciar um crime que lhe está associado. Como acontece em *Trash*, todos os protagonistas são também narradores de um *thriller* cheio de ritmo e acção.

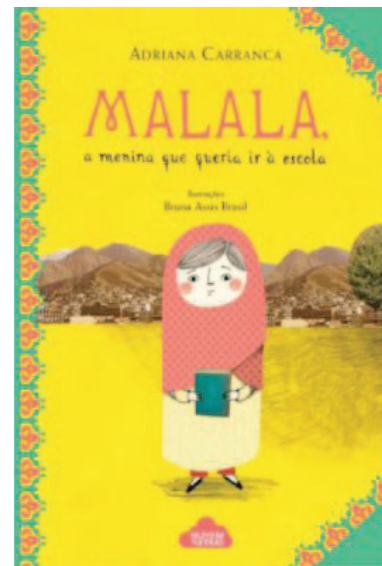


Simplesmente Samuel

Tommi Musturi

Chili Com Carne

Regresso do autor finlandês de banda desenhada ao universo da personagem Samuel (que já conhecêramos em *Caminhando Com Samuel*), com uma narrativa que deambula pelo existencialismo num ambiente marcado pelo psicadelismo e pela geometria no trabalho da composição.



Malala, a menina que queria ir à escola

Adriana Carranca

Nuvem de Letras

A jornalista brasileira, especializada em conflitos bélicos e direitos humanos, viajou até ao vale do Swatt logo depois do atentado talibã sobre a menina paquistanesa que viria a receber o Prémio Nobel da Paz. O livro é uma reportagem com um relato acurado da vida de Malala e do contexto cultural e político em que vivia.



Desde la Sombra

Juan José Millás
Seix Barral

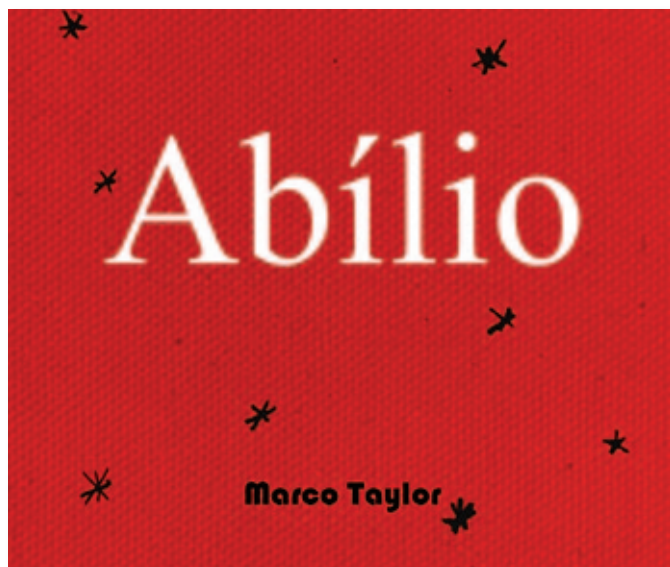
Um homem esconde-se num armário, protegendo-se depois de um pequeno roubo que não sabia ser capaz de fazer, e acaba a integrar a mobília de um quarto alheio. Metáfora dos tempos que vivemos, o mais recente romance de Juan José Millás parte de uma improbabilidade para construir um olhar desencantado sobre a inércia, o excesso e a falta de esperança.



O Luto É a Coisa Com Penas

Max Porter
Elsinore

Livro de estreia, é difícil arrumar esta obra num género codificado, sendo essa a sua primeira característica. Num texto que dismantela o ritmo entre a poesia e a prosa, convocando imagens e desarrumando categorias temporais, Max Porter escreve sobre o luto e sobre o modo como nada volta a ser igual depois da morte de alguém tão próximo como a mulher com quem se viveu durante anos.



Abílio

Marco Taylor
Edição de autor

Um bebé levanta voo e fica a levitar. Um acidente inexplicável que se resolve e volta a resolver-se quando se repete, o que acontece ao longo do tempo e do crescimento. E quando acontece provoca uma irremediável tristeza ao levitador, cujo rosto o leitor desta narrativa visual nunca vislumbra. Por não caber nas páginas, mesmo quando compostas para serem lidas verticalmente.



Paris-Austerlitz

Rafael Chirbes
Assírio & Alvim

Livro póstumo de Rafael Chirbes, falecido em 2015, esta é uma narrativa sobre a derrocada do amor e as muitas declinações do seu fim. Narrado do ponto de vista de um dos elementos do casal que aqui vemos afastar-se, *Paris-Austerlitz* é uma novela atravessada pela angústia e pela beleza melancólica que pode haver na sua descrição.

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

ANDREIA
BRITES

BEYOND CONCRETE.
WWW.MARTMAGAZINE.NET

**mART: MACAU AND LISBON
ON THE SAME PAGE**



mART

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**
Campo de
Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

PEDRAS, GRIFOS,
POETAS E NENHUMA
VONTADE DE SER
FESTIVAL

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

POESIA, UM DIA

A auto-estrada será mais rápida, mas chegar a Vila Velha de Ródão de comboio permite um primeiro contacto com a paisagem natural, deixando adivinhar os pontos humanos que a marcam. Nas águas do Tejo, pouco antes da imagem esmagadora das Portas de Ródão, há gente que anda no rio em pequenos botes a motor. No céu, aves de grande envergadura sobrevoam o espelho da água, mas ainda não se percebe se serão grifos ou águias. Será preciso aprender a distinguir uns dos outros e isso leva o seu tempo. Mais adiante, um fumo espesso abana a imagem, agora ocupada pela chaminé da fábrica de papel, e dá a conhecer outro elemento humano que atravessa – e talvez perturbe, tentaremos descobrir – o lugar onde acontece, por estes dias, o encontro Poesia, Um Dia.

Organizado pela Biblioteca Municipal de Vila Velha de Ródão, Poesia, Um Dia junta poetas e leitores em torno de uma paisagem e um território únicos. Esse é o ponto de partida para um acontecimento que não se fecha na poesia, tocando outras artes e linguagens, e que organiza toda a sua programação em função do território que habita e das pessoas que o povoam.

No mesmo lugar onde, na década de oitenta do século passado, uma equipa de arqueólogos encontrou vestígios habitacionais de várias eras, bem como ossadas de animais que entretanto se extinguíram, a ilustradora Marina Palácio recebe a segunda turma do dia para o atelier “Queridos Extintos”. O espaço junto ao rio é amplo e organiza-se em torno de uma quadrícula de metal embutida no chão, com cada quadrado coberto de gravilha, lembrando o trabalho dos arqueólogos que ali passaram muito tempo resgatando da terra os testemunhos do passado que agora se guardam no Centro de Interpretação de Arte Rupestre do Vale do Tejo, no centro da



Miguel Cardoso e Rosalina Marshall

POESIA UM DIA

vila. Os alunos, todos do 3.º ano (1.º ciclo), espalham-se pelas quadrículas de pá na mão, escavando entre as pedras algumas pistas deixadas pela ilustradora que hão-de dar o mote para as atividades da manhã. Desenhar, compreender a estrutura gráfica das pinturas rupestres, esculpir animais inexistentes com espuma e palitos, observar a natureza, compor um livro em harmónio onde cabem imagens e versos, tudo com a ideia dos animais extintos a pairar e a desafiar para a reflexão sobre a natureza e o modo como nos relacionamos com ela. O burburinho existe, e a agitação provocada pela saída da escola também, mas no fim do atelier percebe-se o entusiasmo de muitos alunos e ouvem-se alguns comentários sobre auroques e elefantes europeus e sobre como andariam por Ródão antes de o lugar ter esse nome.

Caminha-se pela vila e percebe-se que a geografia tem tanto de belo como de acidentado. Para chegar à Biblioteca Municipal José Baptista Martins é preciso subir e esquecer o declive. Vencido o esforço, chega-se a tempo da apresentação do livro *Poesia, Um Dia: Poetas em Ródão*, uma edição da Companhia das Ilhas que reúne os trabalhos dos vários poetas que passaram pelas residências do Poesia, Um Dia desde 2012. Dez minutos antes de começar a apresentação, a Feira do Livro já está a funcionar na sala de leitura da biblioteca e há leitores e autores conversando entre estantes, enquanto outros procuram selos para enviarem um postal do Correio Poético, iniciativa que integra o Poesia, Um Dia e que tem crescido a cada ano. Durante a sessão, o ambiente é descontraído, quase familiar. Jaime Rocha, director literário do encontro, agradece a presença dos poetas que vieram até Vila Velha de Ródão, «mesmo os que estão de calções», e

POESIA, UM DIA

destaca o facto de alguns desses poetas terem regressado depois de participarem numa das residências de anos anteriores, como Margarida Ferra, José Luis Costa, Margarida Vale de Gato ou Carlos Alberto Machado, também editor do livro, que veio propositadamente dos Açores para o encontro. A fechar a função, Jaime Rocha destaca a panorâmica poética que o livro oferece, com autores muito diferentes entre si, explicando que essa «é a riqueza destes encontros» e que, além disso, «o que deixamos e levamos daqui é importante: os afetos, as palavras, os abraços, e este belo objecto que deixamos aos habitantes do concelho.» E antes que os leitores deixem a sala, o município oferece a cada um dos presentes um exemplar do livro.

No exterior da biblioteca, começa a segunda apresentação do espectáculo criado durante a residência de escrita e dramaturgia “Teatro na Paisagem” com as interpretações de Ana Amorim, Ana Freitas, Mário Trigo e Santiago Ceia. Horas antes, ainda junto ao rio, Mário Trigo, encenador deste projeto, já tinha partilhado com a *Blimunda* as linhas orientadoras do processo: «Partimos da paisagem natural, como cenário integrante de uma fisicalidade do espectáculo, que possibilita um recurso criativo, e da paisagem humana que vem habitá-lo. O espectáculo foi escrito, ensaiado, encenado, para nascer e para morrer aqui. São espectáculos únicos, cada uma das quatro apresentações é diferenciada em função do espaço onde decorre, e só acontecerão aqui. Há um eixo que atravesse todos os espectáculos de um ponto de vista temático e que é a desertificação,

POESIA, UM DIA

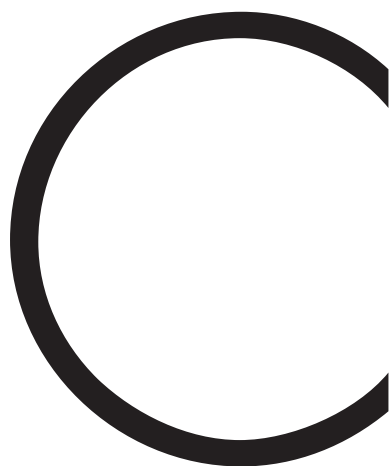
e há um texto que serve de suporte. Na verdade, são quatro textos, escritos por Jaime Rocha, Ana Freitas, Catarina Barros e José Manuel Baptista durante o processo da residência. A temática da desertificação é abrangente e originou quatro textos diferentes. Eu e o Jaime recebemos esses textos e alinhámo-los em função da dramaturgia e da encenação.» Com o olhar fixo no horizonte, a primeira personagem desfia um monólogo sobre a decisão de ficar, mesmo que o corpo, por vezes, desafie a partir. As cenas sucedem-se, tirando partido do que se vê a partir da biblioteca e dos espaços que a enquadram. Os textos, distribuídos ao público num pequeno livrinho, misturam-se, e hão-de ter novas seleções nos dias seguintes, reinventando um espectáculo diferente a cada dia. Por agora, fala-se de paisagem e de pessoas, de medos e de esperanças, também de temas pouco falados fora de cena, como a fábrica que, na dramaturgia, ameaça e garante a sobrevivência, é falada e temida.

A mudança do pátio da biblioteca para o auditório onde decorrerá o espectáculo *Aleatório*, pela Andante Associação Artística, não se faz sem um certo peso a sentir-se nas têmporas. O último texto encenado deixou marcas de alguma angústia e exige que se volte ao seu conteúdo, mas agora é tempo de ouvir poesia de um modo pouco habitual. No palco, Cristina Paiva interpreta uma seleção de poemas em diálogo intenso com as imagens e os sons manipulados por Fernando Ladeira. Às vezes diz, outras vezes canta, e entre os dois registos há um manancial de modos e tonalidades que se adaptam a cada poema escolhido, criando um espetáculo que, percebe-se, tem tudo que ver com a ideia de levar a poesia aos leitores que norteia este Poesia, Um Dia.



Ilha das Virtudes

POESIA, UM DIA



om a dramaturgia criado pelo “Teatro na Paisagem” a ecoar desde o fim da tarde, voltemos à chaminé que deixámos no início do texto. A fábrica é omnipresente. Vê-se-lhe a chaminé de fumo ainda o comboio não chegou à estação e voltará a ver-se ao longo destes dias. Quando não se vê, pode-se cheirá-la. À noite, ouve-se. Não é um barulho ensurdecador, mas está lá. A fábrica é como um elefante na loja de porcelana, ainda que a paisagem local nada tenha de frágil, pelo menos no que à geologia diz respeito. A fábrica é, também, o ganha-pão de muita gente. No café, nas ruas, há quem comente a poluição, mas quando se faz a pergunta com o gravador ligado, quase ninguém fala. Ficarão as dúvidas sobre o real impacto desta fábrica nas águas do Tejo, nos peixes que já não alimentam a pesca em certas zonas do rio, no ar de enxofre que se respira pela manhã. Como se ouviu nos textos do “Teatro na Paisagem”, talvez não faça mal. A fábrica, afinal, é mais do que uma. Mesmo que ninguém dê muitos detalhes, lá se vai referindo que há outras unidades, de outras empresas, a operar junto ao rio, fabricando matérias que servirão para o trabalho da fábrica maior.

Foi preciso encontrar um pequeno café, e acertar com a hora do aperitivo pré-almoço, para ouvir quem quisesse falar sobre o assunto. No café que tem o seu nome, Carlos explica que regressou a Ródão, onde nasceu, há quatro anos, mas que agora espera a reforma para regressar ao Montijo, último lugar por onde passou antes do regresso. «Não quero ficar aqui»,

POESIA, UM DIA

diz-nos, contrariando o texto de Ana Freitas, «o meio é muito pequeno e não há escolhas. E depois há este cheiro...A gente habitua-se, claro, mas quando me mudei para cá, a respiração era difícil.» Minutos depois, Paulo Mourato junta-se à conversa, falando da pesca que já quase não há e explicando que a poluição não é o único problema: «Os sítios para a desova dos peixes desapareceram com as barragens e começaram a aparecer espécies não-autóctones. A poluição existe, e não é pequena, mas não é só por aí. E já se fez muita coisa para evitar o cheiro e o barulho da fábrica, mas há coisas que não se conseguem evitar.» António José Morgado, o último a chegar ao café, trabalhou na fábrica da Portucel durante quarenta anos e defende que a poluição não é tão intensa como se diz: «Se aquilo estiver a trabalhar normalmente, não há poluição. Agora, se houver uma avaria e não se der logo por isso, então, sim. Há uma célula que descarrega para o rio e, se estiver tudo controlado, não há poluição. Cheguei a apanhar água limpinha à saída da fábrica, mas não pode haver distrações. Quando a fábrica começou, aí havia muita poluição, agora, como aquilo está, não vai nada para o rio nem para a atmosfera.» E Paulo Mourato acrescenta: «Temos um problema muito maior, que é a central nuclear de Almaraz, em Espanha. Isso, sim, é mesmo grave.» E ainda há a fábrica em Perais, à saída de Vila Velha de Ródão, que, como diz António, «essa sim, polui. Tínhamos ali um retiro de achigãs que era uma maravilha e agora a água está preta.» Não haverá consenso no café, como não há consenso na Vila. A poluição é um tema complexo, a fábrica alimenta parte importante do concelho, ninguém consegue afirmar que não há consequências ambientais, mas ninguém quer diabolizar a fábrica.

POESIA, UM DIA

Jaime Rocha, diretor literário do encontro, explica isso mesmo ao falar dos textos para o espetáculo e do modo os poetas residentes acabam sempre por tropeçar nesta chaminé fumarenta: «É uma ideia de que gosto, o paradoxo, o confronto entre o estar para viver e o estar para fugir. Como é que conseguimos viver ao lado, ou dentro, de um monstro, e como é que se pode criar literariamente, ou do ponto de vista do teatro, com este paradoxo que é uma fábrica que vai matando à volta a capacidade que uma paisagem tem de trazer pessoas, porque a fábrica afasta as pessoas, e há aqui um grande combate entre a natureza e a fábrica. É interessante perceber como é que se pode criar no meio, entre a beleza da natureza e a fealdade da fábrica. E depois descobrimos que estamos a falar sobre a sobrevivência, a nossa e a das pessoas que vivem do trabalho da fábrica. Portanto, vimos com uma ideia de zanga, de crítica, de mal-estar, vimos como inimigos da fábrica, e de repente, não ficando amigos da fábrica, percebemos que ela nos pertence e não a podemos matar, porque se o fizermos, morremos. Isto cria uma grande instabilidade para a escrita, que é aquilo que me apetece escrever, aquilo que não vou escrever, o escrever sobre aquilo que não quero. Acabo por arranjar uma fórmula de escrita em que a fábrica é engolida na natureza connosco. É curioso que, mesmo não se dizendo a palavra fábrica, estamos a falar desta realidade e somos obrigados a enunciá-la no texto e isto em muita força, porque ultrapassa a vontade do escritor. Esta terra tem esta terrível curiosidade, como todas as zonas fabris. De facto, a fábrica alimenta as pessoas e contra isso não há muito a fazer. A surpresa que os poetas



Margarida Vale de Gato

POESIA, UM DIA

têm com a natureza têm também com a fábrica. E depois têm de integrar as duas coisas, mesmo sem dar por isso. Estão a viver com Deus e o Diabo, digamos.»

Entre duas forças, haverá quem tenha a missão de garantir equilíbrios. Questionámos o presidente da Câmara Municipal, Luís Miguel Pereira, sobre a poluição, querendo saber o que tem sido feito para a combater, mas igualmente sobre a desertificação, tema presente nos textos que têm nascido do Poesia, Um Dia e necessariamente relacionado com a poluição. «Não é ignorando os problemas que eles se resolvem. Esses são problemas que existem no concelho, mas não só neste concelho, como no interior, por um lado, e ao longo do rio Tejo, por outro. Temos esses problemas bem presentes e temos uma enorme vontade de os resolver. Ora, resolvê-los é, desde logo, falar neles. Claro, para combater a desertificação é preciso criar investimento e criar emprego, mas não trazendo um investimento qualquer e não criando emprego a qualquer custo, ou seja, respeitando o ambiente e a coexistência do ser humano com os valores ambientais. As empresas que estão em Vila Velha de Ródão têm a noção clara que, da parte da Câmara Municipal, se o fizerem têm alguém com quem podem contar e trabalhar e, se não o fizerem, têm alguém que exigirá junto das entidades o cumprimento das metas ambientais. Mas não exigimos só em Vila Velha de Ródão, porque o problema ambiental não é exclusivo daqui, regista-se a montante, em Espanha, e a jusante, ao longo de todo o rio. Nós temos enormes problemas ao longo do Tejo, o concelho tem sido apontado como um foco desses problemas, mas recusamos essa etiqueta

POESIA, UM DIA

porque não é de todo o concelho de Vila Velha de Ródão o principal poluidor do Tejo, nem dos grandes poluidores.» Apesar disso, o cheiro e o fumo da fábrica são notórios, e o presidente da Câmara não o nega. «É notório, está identificado e devo dizer que a Câmara Municipal tem feito um esforço enorme junto das entidades que têm responsabilidades nessa matéria para resolver o problema. É incompreensível que a situação esteja identificada há muito tempo e que as leis deste país não dêem resposta de modo a que esses problemas sejam resolvidos, porque não podemos aceitar que a população, que o ambiente, que o desenvolvimento do concelho sejam postos em causa por interesses que não são de todo os do concelho e das pessoas que o habitam.»

Longe do fumo, já com a noite cerrada, três barcos descem o Tejo em direção às Portas de Ródão. Poetas e leitores preparam-se para uma leitura de poesia e não prescindem dos casacos e das mantas, que a humidade é forte e o frio outonal já se faz sentir. Com os três barcos ancorados no meio do rio, as leituras sucedem-se à luz da lanterna. Rosalina Marshall, M. Parissy e Rui Caeiro, os poetas residentes deste ano, são acompanhados por quem se vai oferecendo para continuar a ler. Não há ordem ou programa prévio e o momento é tanto de partilha como de introspeção, talvez porque o escuro e o som dos pequenos peixes saltando na água, atraídos pela luz dos faróis dos barcos, a isso convidam. Terminada a leitura, um dos barcos tenta uma aproximação à Ilha das Virtudes, onde Miguel Manso e António Poppe estão a pernoitar, sozinhos, com tendas, alguns mantimentos e poucos confortos. O barco acaba por ficar preso nas pedras junto à ilha e tudo o que vislum-



Jaime Rocha

POESIA, UM DIA

bramos é a figura de António Poppe, quase no breu, dizendo alguns versos que amanhã hão-de soar luminosos no fim da tarde no rio, tudo isto enquanto a mestria do homem do leme nos safa de ficarmos também na ilha...

Na tarde seguinte, Miguel Manso e António Poppe surgirão em duas canoas, remando à volta dos barcos que voltam a transportar poetas e leitores até às Portas de Ródão, e António Poppe recitará um enorme mantra que mistura textos religiosos da tradição indiana, textos seus, fragmentos de muitas coisas, dos Vedas aos filmes de Hayao Miyazaki, sempre com Ródão no subtexto. A estada na ilha terá sido uma experiência difícil de descrever, como se percebe nessa performance nas águas e ao jantar, mas Graça Baptista, da Biblioteca Municipal, adianta que será para repetir, mesmo que em moldes diferentes: «No âmbito de uma conferência sobre o património, falei com o Dr. Luís Raposo, que foi diretor do Museu de Arqueologia, e ele contou-me que junto à Ilha das Virtudes havia uma estação arqueológica onde se encontraram as estruturas habitacionais mais antigas da Península Ibérica e da Europa. Essa estação era muito perto da ilha. O que o Dr. Luís Raposo me contou foi que, nos anos 70, ele e um grupo de arqueólogos habitaram também aquela ilha durante uns dias e à noite acendiam fogueiras e cantavam canções de intervenção. Agora, os poetas fizeram o mesmo, sem que nós soubéssemos previamente desta história. Da minha conversa com o Dr. Luís Raposo já surgiu uma ideia para o próximo ano, que é a de juntar

POESIA, UM DIA

poetas e arqueólogos e pensar como aquele espaço foi habitado, vivido, pelos primeiros habitantes, pelos arqueólogos num período anterior ao 25 de Abril, onde ninguém os ouvia quando cantavam canções de intervenção, e agora pelos poetas, que ali encontraram um espaço para a meditação. Isto tem tudo um enorme potencial para refletirmos, para nos refletirmos, pensando que somos seres humanos que habitam espaços, transitoriamente, como sempre.

Isto era para ser só um encontro que trouxesse conhecimento literário, que recebesse as pessoas, mas agora é muito mais do que isso. E as bibliotecas têm de ser um espaço sem paredes, um espaço que intervém directamente no território, por vezes através da passagem de testemunho. O que nos importa é suscitar conhecimento, encontros, que nos permitam desenvolver-nos como pessoas e como território.» A Ilha das Virtudes voltará, então, a ser habitada para o ano e talvez os barcos consigam, finalmente, uma atracagem segura...

O caminho entre Vila Velha de Ródão e a Herdade da Urgueira, onde acontece mais uma apresentação do espectáculo resultante do “Teatro na Paisagem”, faz-se por estradas quase desertas, numa paisagem que confirma a transição entre a Beira e o Alentejo. Perto de Perais, percebe-se que a desertificação não é apenas um tema possível para debates e conversas mais ou menos poéticas, é o tema central que importa discutir para evitar que o território se esvazie de escolhas e de gente. Na direcção inversa, subindo a estrada da serra entre o centro da vila e o castelo, o cenário é semelhante, ainda que mais verde e acidentado. No castelo do Rei Wamba, que na verdade é uma torre e não se sabe ao certo se este rei visigodo foi o responsável pela sua

POESIA, UM DIA

construção, a visão das Portas de Ródão faz-se de cima. Mais altos do que as enormes formações rochosas rasgadas pelo Tejo, aqui, sim, podemos distinguir águias de grifos e vislumbrar no vôo de cada um as marcas da espécie. Enquanto os atores ensaiam para o último espectáculo, onde a lenda do rei Wamba e da rainha que se apaixonou por um rival mouro, habitante da outra margem do rio (acabando a rolar pela encosta atada a uma mó de pedra, como castigo régio pela traição), domina as histórias sobre o espaço, os sons da serra ganham corpo. O vento, os grifos, um ou outro som abafado que chega do rio e de quem nele passeia. Pouco depois, o público que chega para o último espectáculo e para o encerramento deste Poesia, Um Dia.

Num balanço feito alguns dias depois, Graça Baptista, da Biblioteca Municipal, fala sobre o que se vai conquistando a cada ano de Poesia, Um Dia: «O que se consegue nem sempre é mensurável no número de pessoas que vão buscar livros de poesia à biblioteca, não é logo assim. A biblioteca tem um fundo de poesia que conseguimos que esteja atualizado, porque também fazemos aqui feiras e temos contactos com editoras e gente que nos faz recomendações. As bibliotecas podem ser espaços de fruição, mas têm de ter boas coleções. Este ano fizemos 500 postais para o Correio Poético e esgotaram-se, apesar de termos duplicado o número de exemplares em relação ao ano passado. As pessoas já não se afastam dos textos poéticos, e isso notava-se no início. Sentimos que o facto de comunicarmos a muitas pessoas e de muitas formas está a fazer

POESIA, UM DIA

com que a poesia deixe de intimidar. Esta semana começámos um novo Clube de Leitura, com a Academia Sénior, e propus a leitura de um poema de Wisława Szymborska, que foi bem acolhido. As pessoas têm um conceito da poesia, que não sei de onde vem, que faz com que tenhamos de preparar as pessoas para a receção; depois disso, as pessoas acabam por gostar e por procurar mais. E temos leitores que estavam afastados da poesia e que, por terem a oportunidade de conversar tão de perto com este ou aquele poeta, acabam por aproximar-se da obra desse poeta e da poesia. Não é que isso aconteça todos os dias, mas já vimos acontecer.

E também acontece outra coisa: vejo as pessoas mais orgulhosas do seu território, sem aquela coisa de acharmos que somos da província, que estamos muito longe de tudo...» Se são sempre os números a aparecer nos relatórios e balanços, olhe-mos também para eles. Diz-nos Graça Baptista que «há um ano participaram mais de 1200 pessoas, este ano, de certeza que já teremos tido 1500. Os números não são o nosso enfoque, mas também são importantes, claro», sobretudo quando falamos de um concelho onde habitam apenas 3000 pessoas. Com um orçamento que começou nos 1500 euros, para a primeira edição, e que este ano chegou aos 12000, cerca de metade do orçamento geral da Biblioteca Municipal, estamos longe dos grandes eventos literários organizados em muitas partes do país. Na verdade, nem Graça Baptista, nem Jaime Rocha, nem qualquer outro membro da organização do Poesia, Um Dia falam em “festival”, preferindo sempre a palavra “encontro”. Graça Baptista explica porquê: «O Município



Miguel Cardoso

POESIA, UM DIA

delega na Biblioteca a organização do encontro e não há qualquer pressão relativamente aos números. Tenho a noção de que os nossos gestores políticos percebem que o encontro funciona muito bem para a população desta maneira, funciona bem para a valorização do património, e estamos de acordo em não deitar a perder o que já conquistámos. Desde o início nunca gostei da palavra festival, que sempre me pareceu que era melhor para a canção, e nunca quisemos fazer aqui um festival literário. Já fui a alguns e sempre me pareceu uma coisa um bocado plástica, com muita distância entre os autores e os leitores. O que queremos é ligar pessoas, valorizar o património, trocar experiências e conhecimento. Queremos que aconteçam coisas que possam ser surpresa, coisas que só poderiam acontecer aqui. Queremos interrogar o território, perceber o que estamos a fazer neste local... Não queremos entrar numa fórmula repetitiva.» Entre conversas informais, leituras poéticas e estadas prolongadas de poetas nos locais mais recônditos do concelho, nada aponta para esse risco.

FOTOGRAFIAS DE FERNANDO LADEIRA



RICARDO
VIEL

N

UM dia de dezembro de 2011 Maria Carolina Fenati enviou a algumas dezenas de amigos um e-mail que continha um pdf. Era um pequeno ensaio que ela, estudante do Doutorado em Literatura da Universidade de Lisboa, escrevera sobre *O senhor Henri*, de Gonçalo M. Tavares. Queria iniciar um diálogo, partilhas algumas ideias que tivera após ler aquele livro, mas não sabia ao certo nem como nem com quem. Encontrou uma maneira, e sem saber, com aquele gesto, dava o primeiro passo para a criação de uma editora. «Eu estava um pouco cansada do trabalho académico, mesmo no núcleo de pesquisa da Universidade era algo bastante solitário.

Queria trabalhar com gente que pensasse sobre outras coisas, vivesse outras coisas. Então comecei essa série de ensaios que se chamavam Caderno de Leituras», conta a brasileira que há uma década trocou Belo Horizonte por Lisboa. Já nesse primeiro e-mail anunciava que pretendia enviar mensalmente um texto. Pedia que a mensagem fosse repassada a mais pessoas e convidava quem quisesse a participar na série. Nesse dia, além de dar início a uma coleção que já chegou ao número 52, Carolina também deu nome ao futuro selo. «Quando paginei o primeiro ensaio achei que tinha que colocar um nome. Pensei, onde é que eu moro? Moro na rua Chão da Feira. Então escrevi Edições Chão da Feira, e mandei.»

Um mês depois, e já com algumas respostas positivas sobre o projeto que iniciara, Carolina mandou o segundo Caderno de Leituras. Era um texto de Ricardo Piglia, traduzido por um amigo. «Quando chegou a hora do terceiro alguém disse: Faz um site, porque quero mandar para os meus amigos. Então eu fiz um site, uma coisa super chunga, no Wordpress, e um amigo comprou o domínio chaodafeira.com. Foi assim, comecei sem pensar o que ia fazer, foi acontecendo.»

Mês a mês, as edições iam ganhando leitores e colaboradores. O ensaio do quarto caderno já foi escrito

RUA
DO
CHÃO
DA
FEIRA

TRAVESSA
DO
FUNIL



NOVA
BANCA

por um desconhecido, alguém que havia recebido um e-mail com algum dos ensaios anteriores e gostado da ideia de propor um texto.

A meio de 2012 Carolina recebeu a visita de uma amiga brasileira em Lisboa e convidou-a a entrar no projeto para criarem uma editora. Cecília Rocha aceitou o convite e, quando voltou para o Brasil, registou a marca Edições Chão da Feira. Para efeitos burocráticos, trata-se de uma empresa brasileira com sede em Belo Horizonte. Na prática, é uma editora com um pé no Brasil e outro em Portugal.



RIADA a editora veio a pergunta: E agora? E surgiu a ideia de publicar algo em papel. «Eu não sou uma leitora de computador, até por isso paginei o *Caderno* em A4, pensando que mais pessoas fariam como eu e imprimiriam para ler. Pensei que tinha que fazer algo impresso. O que vou fazer? Vou fazer uma revista com esses 12 cadernos”, conta Carolina. Ao comentar a ideia com uma amiga, foi desafiada a fazer algo mais do que simplesmente publicar os 12 ensaios que já tinha. “Fiquei com aquilo na cabeça, fui dormir e pensei: o que é que mais faço atualmente? Cartas! Porque eu estava escrevendo imensas cartas na altura. Trocava muita carta com o Marcílio França Castro (escritor brasileiro), por exemplo. Trocava cartas com vários amigos.» E assim a revista ganhou uma secção com uma dúzia de cartas (algumas inéditas, algumas que nunca tinham sido traduzidas para o português, outras encontradas em arquivos). Nessa altura entra em cena Júlia Carvalho, que se torna editora de poesia na Chão da Feira.

Em dezembro de 2012 foi impressa a primeira edição da *Gratuita*, nome de uma personagem de Maria Gabriela Llansol que para as autoras da revista condensa uma imagem da literatura que elas perseguem, a da

GRATUITA VOL. 2
Caderno de Leitura



GRATUITA VOL. 2
Atlas

literatura como algo impossível de ser calculada monetariamente. Na epígrafe da revista lê-se um breve manifesto que diz: «A literatura, inserida no círculo das trocas é simultaneamente uma das linhas de fuga que o interrompe. As palavras não são instrumentos, não têm proprietário, não prestam contas. Essa insubordinação é a sua mais generosa afirmação: o exercício da palavra é o desejo da partilha desmedida, e dá-se com solicitação de resposta, mas sem valor de troca. Isso significa que os seus efeitos são incalculáveis. A Gratuita decide relançar esse desejo: a literatura como dádiva improvável que se inscreve na incessante reinvenção do comum.»

A

PUBLICAÇÃO do primeiro número – que une os 12 ensaios de *Caderno de Leituras*, mais alguns poemas selecionados e um dossiê sobre cartas – deveu-se à generosidade de amigos, que colaboraram com o que podiam (30, 40, 50 reais). “Essa primeira *Gratuita* foi vaquinha total. Lembro que ela custou 7 mil reais para fazer 500 exemplares. Nós não tínhamos nada, tínhamos zero reais. Quem fez a paginação da revista foi a Luísa Rabello, que quando conheceu o projeto, percebeu o que era, devolveu metade do que ia cobrar e entrou para a Chão da Feira. Tudo isso foi muito informal, foi acontecendo as pessoas entrarem na editora.»

Com a publicação do primeiro número da revista vieram os livros. Os dois primeiros foram *A Carta de Lord Chandos*, de Hugo von Hofmannsthal, e *Literatura, Defesa do Atrito*, de Silvina Rodrigues Lopes. «A Silvina foi a minha orientadora no mestrado e no doutoramento. Conheci este livro dela quando vim cá em 2004. Comprei-o e levei-o para Belo Horizonte. Mostrava aos amigos e eles diziam: que maravilha! E eu fazia uma cópia e dava de presente. Fotocopiei milhões de vezes esse livro.» A lógica que move as quatro sócias da Chão de Feira é a mesma que motivava Carolina a fazer cópias do livro da sua orientadora. «É guerrilha total. O que é fazer um

livro? É tornar pública uma palavra. É uma tomada de posição. A ideia é facultar o acesso, dar às pessoas a opção de ler. Os livros que publicamos não são muito facilmente assimiláveis, tem um pouco de atrito neles. A escolha do primeiro livro a ser publicado diz isso, é literal, é isso mesmo.»

Até ao momento foram publicados 11 livros com o selo Chão da Feira. O critério para a periodicidade é bastantes simples: quando os custos de um livro se pagam é hora de publicar o seguinte.

NA primeira *Gratuita* nenhum colaborador recebeu pelo trabalho. No segundo número já conseguiram pagar, além da paginação, aos editores, revisores e tradutores. A lógica é tentar pagar quem está «mais sem dinheiro», explica Carolina. «Tem gente que está connosco, mas que está um pouco melhor e até diz que não quer receber nenhum centavo».

A segunda *Gratuita* seguiu a mesma lógica da anterior: a publicação de *Cadernos de Leituras* dos meses anteriores, um dossiê (neste caso o tema foi Atlas) e uma parte dedicada à poesia.

Conseguiram o apoio da Prefeitura de Belo Horizonte e fizeram uma tiragem de 2 mil exemplares. «São 500 páginas. Cada revista pesa 1,3 kilos. Eram duas toneladas e 600 quilos. Quando chegou era um caminhão, e nós éramos quatro mulheres, sendo que duas estavam grávidas. Mas foi uma festa. Já distribuímos todas. Fizemos um lançamento no Rio de Janeiro, outro em Belo Horizonte e outro em São Paulo», recorda Carolina, que percorreu parte do Brasil numa carrinha emprestada para distribuir as revistas.

No comando da Chão da Feira estão 4 mulheres: Carolina, Júlia, Cecília e Luísa. Têm mais ou menos a mesma idade (entre 30 e 35 anos) e partilharam, além da amizade, o amor pelos livros e a vontade de fazer algo novo. Faz diferença serem quatro mulheres? «Não sei dizer no quê exatamente, mas claro que é diferente

Carolina Fenati, Luísa Rabello, Cecília Rocha e Júlia de Carvalho



FOTOGRAFIA JUNIA MORTIMER

do que se fôssemos quatro homens. No nosso caso acho que temos um modo de produção próprio, sem cargos, funções, etc...», responde. Neste momento, apenas duas das editoras da Chão da Feira vivem na mesma cidade, o que faz com que as conversas de trabalho se dêem por whatsapp, skype e por e-mail. «Só conseguiram fazer uma reunião as quatro juntas num 1.º de Maio. Trabalhámos duas horas e ficámos dez horas conversando», se diverte Carolina.

FAZEM a editora que queriam que existisse e publicam os textos que gostariam de ler. Muitas vezes sobre assuntos e de autores que desconheciam, mas que, sem saber, procuravam e encontraram. «O que eu queria para o futuro da Chão da Feira? Gostaria que continuasse. Quero encontrar coisas instigantes, descobrir, aprender sobre o que eu não sei ainda. Estamos indo bem. É uma guerrilha, é um posicionamento público. E o critério é ver o que a gente gostaria de tornar público hoje, essa é a pergunta.»

A distribuição dos livros e revistas também fica a cargo das sócias e é esse o maior problema que encontram. A maioria das vendas dá-se nos lançamentos de livros e por encomenda, via e-mail. Às vezes a entrega não se faz por correio, mas por «bons emissários», amigos que em trânsito ajudam a transportar os livros e a fazê-los chegar a quem os quer. Gostavam de ter os livros em mais livrarias brasileiras, mas a lógica do mercado e a falta de alguém que fizesse esse trabalho limita, por enquanto, a distribuição. Nada que diminua o empenho do coletivo. Driblando as dificuldades, fazendo-se valer do improviso e da intuição, e com a ajuda de muita gente que abraçou o projeto, a Chão da Feira está perto de completar cinco anos de vida. A próxima *Gratuita*, número 3, já tem tema (Infância) e a verba garantida para ser impressa.

ACASA

DA

ANDRÉA

ANDRÉA ZAMORANO

FILÉ COM FRITAS

Como de costume vai ser o salmão ao vôngole com limão-siciliano e pesto de coentros para os dois, certo?

Por acaso, realmente, eu preferiria um bom bife. Acho que vou pedir um filé com fritas, mas que seja tenro, e meio para o mal passado. Você se importa se não comermos o mesmo desta vez, meu amor?

Clarice muda acenou com a cabeça que não. Seus olhos se arregalaram e ela tentava domá-los fingindo ler atentamente as minúsculas letras que dançavam na parte de trás de uma embalagem de grissinos. Era a primeira vez, em quinze anos de casamento, que Rubem não pedia o mesmo prato que ela.

Um pequeno capricho, uma promessa juvenil que lhe fizera quando eram ainda namorados:

Eu te amo muito mais do que você me ama.

Que idiotice, Rubem. Como é que você pode dizer isso?

Faço qualquer coisa por você.

Clarice não desperdiçou a deixa:

Até comer peixe?

Poxa vida, Clarinha! Pegou pesado. Você sabe que detesto peixe.
Ué?! Foi você que falou que fazia qualquer coisa por mim.
A minha implicância não é nem com o sabor, é com a textura. É muito mole.
Mas, tá.

Tá o quê?

Eu como peixe se você quiser.

E ficaram rindo muito tempo imaginando como seria ridícula a primeira vez que juntos comessem peixe. Ainda assim, Rubem não desistia de tentar impressionar Clarice:

E prometo mais...

Cuidado com o que vai prometer. Olhe que depois vai ter de cumprir.

Convicto da plenitude do seu amor, Rubem não hesitou:

Não vai ser um prato de comida a me derrubar, por favor.

Clarice estava longe imaginar a sandice alimentar que iria Rubem sugerir:

Prometo, de hoje em diante, ouviu bem? De hoje em diante, sempre que comermos fora, pedir o mesmo que você e ainda limpar a travessa.

Criada numa família tradicional, Clarice estava mais do que habituada às grandes almoçaradas de domingo, na casa dos avós, onde não era permitido fazer desfeita. Rubem não lhe seria páreo. De imediato, a sua cabeça disparou

a elaborar um cardápio de pequenas maldades para impingir ao futuro marido: pipis, moelas, salada de polvo, túbaros, linguado, dobrada, mão de vaca com grão e tudo de mais saboroso que o seu apaixonado pudesse achar repugnante.

Na senda alimentar, Clarice foi tirando o medo de Rubem, ele foi começando a gostar – pelo menos assim acreditava. O hábito tornou-se um ritual de partilha e o foi pelo resto do namoro, durante o noivado e, no casamento, até aquele jantar onde tudo se tornou evidente. Já não restavam dúvidas. Clarice estava coberta de razão.

Acabaram-se os pedidos siameses, o cotejar opiniões, as idas aos restaurantes secretos que não aparecem nos guias da moda, nem nas apps de comida, mas onde se encontrava a mais inexpugnável iguaria; pelo ralo iam também os planos para a viagem gastronômica ao Vietnã. Clarice estava só no seu amor. Rubem havia reduzido tudo a um filé com fritas. A glote de Clarice só se não se fechou – como acontece às pessoas alérgicas que morrem de choque anafilático por terem comido um mísero camarão ou um lâmina de amêndoa – porque, ao menos, ele teve a decência de pedir o bife mal passado.

Quem é ela? – Disparou, Clarice. Trinta segundos após o empregado abandonar a mesa com o pedido.

Do que você está falando?

Deixemos de criancices. Diz logo. É aquela tua estagiária nova?

Tá maluca, Clarinha?

Clarinha é o cacete – Falou entredentes.

Mas só por que eu não quis peixe hoje? Indagou Rubem incrédulo.

E por que você está com esse desejo básico de carne? Está precisando de uma proteína mais consistente?

Vou te confessar uma coisa, por favor não fique chateada, mesmo passados esses anos todos, nunca cheguei a me tornar um verdadeiro fã de peixe.

Agora tem mais essa? Quer dizer que você também mentiu de cada vez que fazíamos cinquenta quilômetros para ir ao restaurante do Bira, em Barra de Guaratiba, e comer a muqueca de cação que, pelos vistos, você só fingia adorar?

Mas isso é diferente?

Diferente em quê?

Tecnicamente estou comendo um tubarão.

Tubarão é peixe! É da família das raias. E já que estamos falando de peixe, diz logo o nome da piranha.

Que piranha?

Não vai dizer, né? Tudo bem, mas estou avisando...

Rubem esfrega as duas mãos no rosto, respira fundo. E continua: Odete. Odete? Que Odete? Quem é Odete? Odete, a minha cabeleireira?

Sim, essa mesma.

Mas a Odete tem a mesma idade que eu. Tem certeza que não é com a Bruna? A tua estagiária nova.

Credo! A Bruna ainda nem acabou a faculdade. Devo ter quase idade para ser pai dela.

Pera, a Odete não é nada de especial. Quer dizer, não é feia. Mas não é mais bonita do que eu. Desculpa, mas isso ela não é. Mas você não me enganou nem uma única vez com a Bruna? Tem a certeza? Ela é tão bonitinha. Depois anda sempre com aquelas leggings provocantes marcando a bunda, umas botas de cano curto e um topzinho nude. Fica tudo tão bem. Não foi com ela mesmo?

Olha só, acabei de revelar que estou te traindo com a tua cabeleireira

Clarice interrompe Rubem

Que se diz vegetariana mas que não sabe o que é bulgur, nunca se aproximou de um bom prato de millet e detesta tofu. Ah sim! Mas a bem da verdade, as vacas só pastam. Ups! Também acasalam com os bois. Bem poderia ser ela a estar morta. Coitada da Bruna.

Sim, coitada da moça.

Não. Coitada mesmo.

Como assim, coitada mesmo?

É que pensei que vocês tivessem tendo um caso.

E?

E? Ontem, enquanto você dormia invadi o teu computador e o teu telefone, descobri que você ainda iria passar num cliente antes do nosso jantar. Deduzi que a Bruna estaria sozinha e “decidi” passar no escritório, depois que você saísse, para deixar um bolinho de laranja para os pombinhos. Dei um pedaço especialmente grande para a Bruna.

Sim. E daí? Para além da minha privacidade, qual é o problema? A bunda dela vai ficar maior do que a sua?

O problema é que eu não disse que triturei amendoim e juntei à farinha. Ela é alérgica.

JOSÉ SARAMAGO

CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



José Mattoso



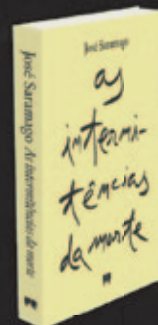
Eduardo Lourenço



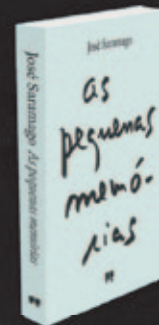
Armando
Baptista-Bastos



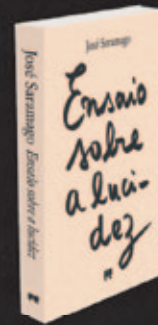
Mário de Carvalho



Valter Hugo
Mãe



Gonçalo M.
Tavares



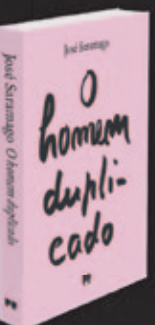
Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



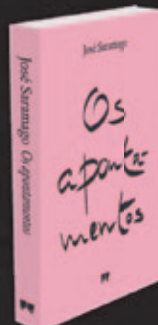
Júlio Pomar



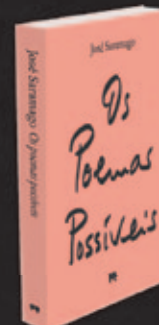
Lídia Jorge



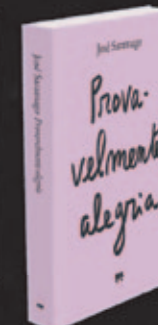
Mía Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice

GERADOR

a levar a cultura
PORTUGUESA
A TODO O
lado

O GERADOR É UMA PLATAFORMA
DE ACÇÃO E COMUNICAÇÃO
PARA A CULTURA PORTUGUESA.

♥
DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

4



20 ANOS DE PREMIO NACIONAL DE ILUSTRAÇÃO

ANDREIA
BRITES

Foi no Fólio, Festival Literário Internacional de Óbidos, que João Fazenda recebeu o Prémio Nacional de Ilustração. À imagem do que acontecera em 2015, quando coube a Afonso Cruz a distinção, a cerimónia de entrega do prémio aconteceu a par da inauguração da Mostra de Ilustração Internacional, com curadoria de Mafalda Milhões.

É algo que, passadas duas décadas do início do PNI, revela já uma legitimação da ilustração a par de outras artes, nomeadamente a literatura ou a música. O espaço que este festival de dimensão internacional reserva à ilustração, e o facto de se ter conseguido uma atenção generalizada dos meios de comunicação social sobre a presença da ilustradora alemã Jutta Bauer na mostra são prova de que muito mudou desde 1996.

1996
A SEREIAZINHA
MANUELA BACELAR

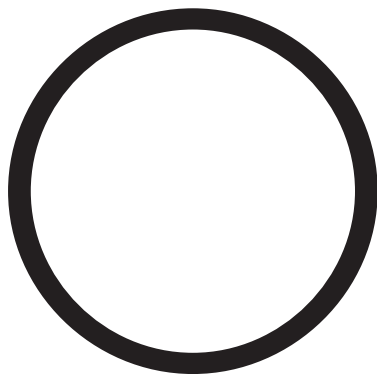


A história do Prémio

A legitimação foi o principal objetivo da DGLAB (Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas), à época IBNL (Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro) quando decidiu, enquanto organismo público, promover a ilustração em livro infantil e juvenil. A ideia do prémio não nasceu no organismo, mas a sua aceitação aconteceu num contexto de intensificação da promoção do livro e da leitura.

Um dos parceiros de diálogo do IBNL era a secção portuguesa do IBBY (a maior organização mundial dedicada ao livro para crianças e jovens), presidida por José Oliveira, na altura editor de livros infantis e juvenis da Caminho. Vera Oliveira recorda como tudo aconteceu: «A Manuela Bacelar sugeriu, nas reuniões do Ibbby, que se propusesse ao Instituto a criação de um prémio para a ilustração. Ela era na altura a única ilustradora portuguesa que vivia disso, e com muitas dificuldades. Na altura só havia bonecos... Criámos o regulamento com o IBBY, foi aceite superiormente e na primeira edição ganhou, e muito bem, a Manuela Bacelar.»

Intenções e pressupostos



regulamento do PNI que está disponível online na página da DGLAB praticamente não apresenta alterações em relação ao original, excetuando a decisão de acrescentar as duas menções especiais. O vencedor recebe 5000 euros ao que acrescem 1500 euros, para participar a sua ida à Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha no ano seguinte. Os ilustradores distinguidos com as menções também garantem a presença na feira graças à mesma participação.

A distinção das obras e dos ilustradores que resulta de cada edição é da responsabilidade dos três elementos do júri, cujo processo de escolha cabe à DGLAB. Há apenas quatro condições prévias à avaliação e todas constam do regulamento: as ilustrações das obras a concurso têm de ser originais (não podem concorrer reedições), os livros têm de destinar-se ao público infantojuvenil e têm de ter sido editados em Portugal no ano anterior ao da edição do prémio, o ilustrador tem de ser português ou residir em território nacional. Maria Carlos Loureiro, Diretora de Serviços do Livro da DGLAB, conta que por vezes recebem queixas, informalmente, de pessoas que questionam o porquê de o livro x ou y não ter sido distinguido. Para além dos critérios do júri, há outro fator de peso: «Há editoras que se esquecem de mandar, há ilustradores que não mandam porque já não têm exemplares para mandar... Publicamos anúncios em dois jornais,

1999
VERSOS DE FAZER Ó-Ó
ANDRÉ LETRIA



Boa noite, João Pestana,
amigo certo do sono
que enfeitas o teu pijama
com folhas tristes de Outono
e sabes que a noite chega
sem aviso e sem dona.



divulgamos para todas as pessoas que estão na nossa base de dados e são centenas... Que mais podemos fazer?»

É na reunião de júri que se discutem os critérios que presidirão à eleição do premiado e estes acabam por variar de ano para ano. «Até à extinção da APLIJ (a secção portuguesa do IBBY) a associação nomeava um representante. Chegaram a ser o Rui Marques Veloso, a Leonor Riscado... Podiam não ser propriamente pessoas da ilustração mas da literatura.» recorda Maria Carlos Loureiro. Vera Oliveira, técnica superior da Direção de Serviços do Livro, tem acompanhado o prémio desde a sua origem e recorda: «Mas eram pessoas que sabiam, porque estavam muito por dentro.»

Ao contrário do que acontece noutros concursos, não se convidam ilustradores nem tão pouco o vencedor do ano anterior. «Nós convidamos dois especialistas ou duas pessoas que de alguma maneira se tenham evidenciado com trabalhos na área, em curadoria ou seja o que for. A pessoa que representa a DGLAB representa o adulto que não é especialista mas tem conhecimento da área, o mediador adulto», esclarece Vera Oliveira. Maria Carlos Loureiro deixa outra nota: «Nos últimos anos temos tentado não pôr ninguém da literatura, e sim alguém que seja professor de ilustração ou escreva sobre o assunto.»

Efetivamente, a atribuição de um prémio resulta sempre de um contexto que une a

subjetividade dos jurados ao tempo histórico, cultural e geográfico daquele momento. Para esse contexto contribuem diversos agentes dissonantes na sua avaliação. Na área do livro de recepção infantil e juvenil confrontam-se perspectivas de mercado, editoriais, artísticas e acadêmicas que têm como particularidade a questão do destinatário que não é adulto. À pergunta 'Para quem é este livro?' diferentes mediadores e investigadores responderão de forma diferente, e sustentadamente. Se acrescentarmos a isso a história de apropriação leitora de obras literárias e informativas por parte de públicos de faixas etárias inesperadas, parece que a decisão de limitar esta relação que define uma categoria de leitura (literária ou não) em função do destinatário é muito difícil. Quais são os limites de idade dos leitores de livros infantojuvenis? Se considerarmos os jovens adultos de 16 ou 18 anos como leitores de transição, que ainda leem livros juvenis, qualquer obra ilustrada pode ser avaliada. Por outro lado, como se avalia e compara a ilustração que acompanha um texto informativo de uma que acompanha um texto literário e de outra que por si só constitui uma narrativa visual? Tudo depende dos jurados.

2001
A MAIOR FLOR DO MUNDO
JOÃO CAETANO



Como se avalia?

Ana Margarida Ramos, professora auxiliar na Universidade de Aveiro foi uma das especialistas que integrou o júri do prémio. Enquanto antiga associada da APLIJ e investigadora na área da literatura infantojuvenil e ilustração para a infância, Ana Margarida Ramos não concorda com aquilo que considera ser um afastamento da literatura: «Creio que o prémio se tem transformado nos últimos anos, voltando um pouco as costas ao universo que lhe deu origem – a literatura para a infância e juventude. Creio que se foi transformando num prémio para ilustradores e menos para as obras destinadas preferencialmente a crianças e jovens.» Quando lhe perguntamos sobre os critérios que presidiram às suas escolhas explica a sua abordagem: «Mantive-me o mais fiel possível ao conceito de ilustração como iluminação de um texto, no sentido em que se trata de uma arte motivada por um texto. Assim, a relação entre o texto e a imagem e a forma como a ilustração completava, abria ou potenciava o texto, interpretando-o, mas também acrescentando-lhe camadas de sentido, aumentando a sua plurissignificação e, nessa medida, potenciando a sua literariedade, foi sempre o elemento central das minhas escolhas, mesmo quando derrotadas na discussão com os outros elementos do júri.»

Pedro Moura, crítico de ilustração e banda-desenhada, parte de um pressuposto

aproximado quando explica os critérios que levou para a mesa do júri, na edição de 2014: «Regi-me pela minha prática de escrita sobre os livros que parte sempre do pressuposto de que quando escrevo sobre um livro tenho de escrever sobre esse livro. Parece uma verdade de la palisse mas é assim. Quando estou a olhar para um livro tento desligar-me, pelo menos numa primeira fase, do que sei sobre o autor, tenho de considerá-lo por si próprio. Tento evitar sempre frases feitas como 'uma história fabulosa!' sem explicar a diegese ou 'um autor que dispensa apresentações'; não! um autor precisa sempre de ser reapresentado. E depois tento perceber os mecanismos do livro a partir de alguns elementos que podem vir da semiologia ou da análise da imagem, relação texto-imagem, a composição da página, a forma como essa imagem se relaciona com a próxima... Depois há sempre um momento em que tenho de ser intuitivo e relaciono o livro com um contexto um bocadinho maior. No Prémio Nacional de Ilustração, a questão literária não deve ter peso, foi o que me disseram. Mas é muito difícil não considerar uma ilustração sem ser com o propósito de contar aquela história. E com livros informativos também. Aconteceu-me com um guia ilustrado. E as ilustrações foram analisadas também em função desse propósito. Não consigo olhar para a ilustração como imagem isolada do livro, senão não era o prémio de ilustração de livro. Elegiam-se imagens isoladas e observávamo-las.» Pedro Moura acrescenta ainda que o mais surpreendente foi

2004
COME A SOPA, MARTA!
MARTA TORRÃO



A Marta pensou
que o melhor seria
tentar comer a papa verde,
pois tinha começado a ficar
com bocadinhos duros
à volta do prato.

o carácter enriquecedor da discussão, com a qual confessa ter aprendido imenso, não apenas pela troca de argumentos como pela necessidade de os encontrar e justificar cada escolha. Tudo conta, desde a ilustração à própria materialidade do livro enquanto objeto, o tipo de papel, o design e a impressão. Porque também aí reside, nos projetos cuidados e pensados, uma relação dialogante com a ilustração.

Quem está, quem esteve e quem não está?

Basta percorrer a lista de vencedores e das menções especiais para descortinar duas décadas muito distintas.

A primeira foi pautada pela predominância do livro ilustrado em relação ao álbum, com a ilustração a dialogar com narrativas mais extensas, onde ainda constam contos tradicionais, clássicos da literatura e antologias de poesia. Igualmente, escritores lusófonos do cânone da literatura de adultos constam da lista graças à ilustração das suas obras. Danuta Wojciechowska foi a ilustradora mais vezes distinguida, com um prémio e cinco menções, seguida de André Letria e João Caetano. Marta Torrão, Gémeo Luís e Alain Corbel também repetem as distinções e depois aparece Manuela Bacelar, a primeira premiada que nunca mais voltou a receber o prémio ou qualquer menção, Cristina Valadas, Henrique Cayatte, Joana

Quental, Aldina e Alfredo Martins. Teresa Lima é a única ilustradora que venceu o PNI duas vezes, uma em cada década, e ambas com ilustrações de clássicos, primeiro com *Alice no País das Maravilhas* e depois com *Histórias de Animais* de Rudyard Kipling.

É notório que algo mudou. Houve quem desaparecesse do panorama da ilustração, como Henrique Cayatte, que nunca teve uma produção regular, Aldina ou Alfredo Martins, que terão sido epifenómenos, ou mesmo Joana Quental, que editava com regularidade em editoras que entretanto desapareceram, como as Quasi ou a Campo das Letras. Na década seguinte, abre-se um novo ciclo, que não expurga alguns dos ilustradores mais reconhecidos anteriormente mas que traz novas abordagens formais e inevitavelmente textuais. André Letria fundou a Pato Lógico onde acumula funções editoriais com a de ilustrador, Gémeo Luís mantém as Edições Eterogémeas num circuito pouco comercial em que a sua ilustração e o design gráfico se conjugam em edições sem preocupações etárias. Danuta Wojciechowska continuou a ilustrar muitas narrativas, maioritariamente na Caminho até 2013, quando se dedicou a desenvolver outros projetos editoriais na Lupa Design, que já concebia o design de muitos livros da Caminho. A narrativa longa perde terreno para o texto curto do álbum, o conto tradicional desaparece da lista de obras destacadas, regressam duas antologias poéticas, mas agora claramente para o público juvenil, numa chancela da Kalandraka, e aparecem pela primeira vez dois livros

2008
A CHARADA DA BICHARADA
MADALENA MATOSO



informativos, um livro juvenil e três álbuns sem texto. Em 2006, uma década passada, surgem pela primeira vez os nomes de Madalena Matoso e Bernardo Carvalho com duas menções especiais, e Teresa Lima recebe o prémio pela segunda vez. A partir daqui, os ilustradores do Planeta Tangerina, mesmo quando ilustram outros escritores que não Isabel Minhós Martins, fora da editora, ganham cada vez mais destaque. Entre o Prémio e menções, Madalena Matoso, Bernardo Carvalho e Yara Kono são distinguidos por treze vezes em dez anos. Há uma tendência para as formas geométricas e as cores planas, é um estilo mais gráfico. Mas isso não justifica tudo, talvez até justifique pouco. Pedro Moura considera que acima de tudo o destaque se deve ao mérito do projeto Planeta Tangerina: «Sei que as pessoas dizem: 'Ah, são sempre os mesmos!' Mas quantas pessoas pensam o livro na sua totalidade? São questões editoriais, questões de formato, de design, do texto, da imagem, questões sociais...» Pedro Moura prossegue na sua análise em relação ao que mudou nesta última década: «Há novos autores e duas plataformas de autoedição, o Planeta Tangerina e a Pato Lógico. Fora disso temos algumas pequenas editoras como a Kalandraka, a Orfeu Negro, a Bruaá e pouco mais que apostam em alguns autores portugueses num catálogo mais alargado de livros. Na verdade não são assim tantos agentes. Depois temos outras editoras, como a Caminho, mas não sei até que ponto têm continuado a sustentar as coleções que faziam há uma

década. Obviamente, a Ana Biscaia com as suas produções ou os Cadernos Serrote, que nascem da vontade do autor mas que editam um livro por ano porque não têm capacidade financeira nem de circulação.» Na verdade, se percorrermos as editoras das obras distinguidas, a variação não sai muito das fronteiras estabelecidas pelo crítico. Excetuando seis editoras que constam uma única vez, todas as outras correspondem a projetos identificados por Pedro Moura. Acrescente-se Marta Madureira, que também assume um projeto de autoedição, na Tcharan, e Maria João Worm, com uma edição de autor. Não é por isso surpreendente que seja do Planeta Tangerina e da Pato Lógico que chegam os dois títulos de cariz informativo. Ou ainda que André Letria tenha criado a coleção «Imagens que contam», de narrativas exclusivamente visuais e que valeu o prémio a Afonso Cruz na edição de 2014 e a João Fazenda nesta última, referente a 2015. Os dois passos que já aconteceram e poderão, no futuro, merecer distinções também pertencem a estas duas editoras: o Planeta Tangerina editou já três novelas juvenis ilustradas e a Pato Lógico lançou este ano dois Guias de duas cidades, filtradas pelo olhar dos ilustradores.

Inevitavelmente, há nomes que escapam: Luís Henriques, Gonçalo Viana, Alex Gozblau, André da Loba, Daniel Silva Silvestre são alguns. Outros haverá. As razões podem ser diversas, mas todas dependem de um contexto. Ana Margarida Ramos considera

2010
O PAPÃO NO DESVÃO
YARA KONO

MAS NADA HAVIA A FAZER.
AGARRADA AO CORRIMÃO,
COM MEDO DO FEIO PAPÃO,
ÀS ESCURAS, A TREMER,
ASSUSTADA, A SOFIA
ÀS ESCADAS LÁ SUBIA.



que «um prêmio é sempre o resultado das circunstâncias, do contexto e do momento, nem sempre a leitura diacrónica que fazemos dele é a mais proveitosa ou reflete melhor o que se fez nesse ano, a evolução em termos de tendências de edição ou de ilustração... Há muitos fatores externos à qualidade das obras que são tidos em conta, de forma consciente ou inconsciente.» Pedro Moura ressalva que nos últimos anos terão existido outras tendências da ilustração que não se encontram representadas no prêmio mas contrapõe: «É uma lista digna? É. É uma lista falsa? Não é. Há ilustradores com obras muito interessantes mas que, provavelmente pelas estratégias de edição, pelos escritores a quem se aliaram ou pelas editoras que publicaram os livros, não se tornaram passíveis de estar numa linha da frente.»

Teresa Lima, a bi-vencedora



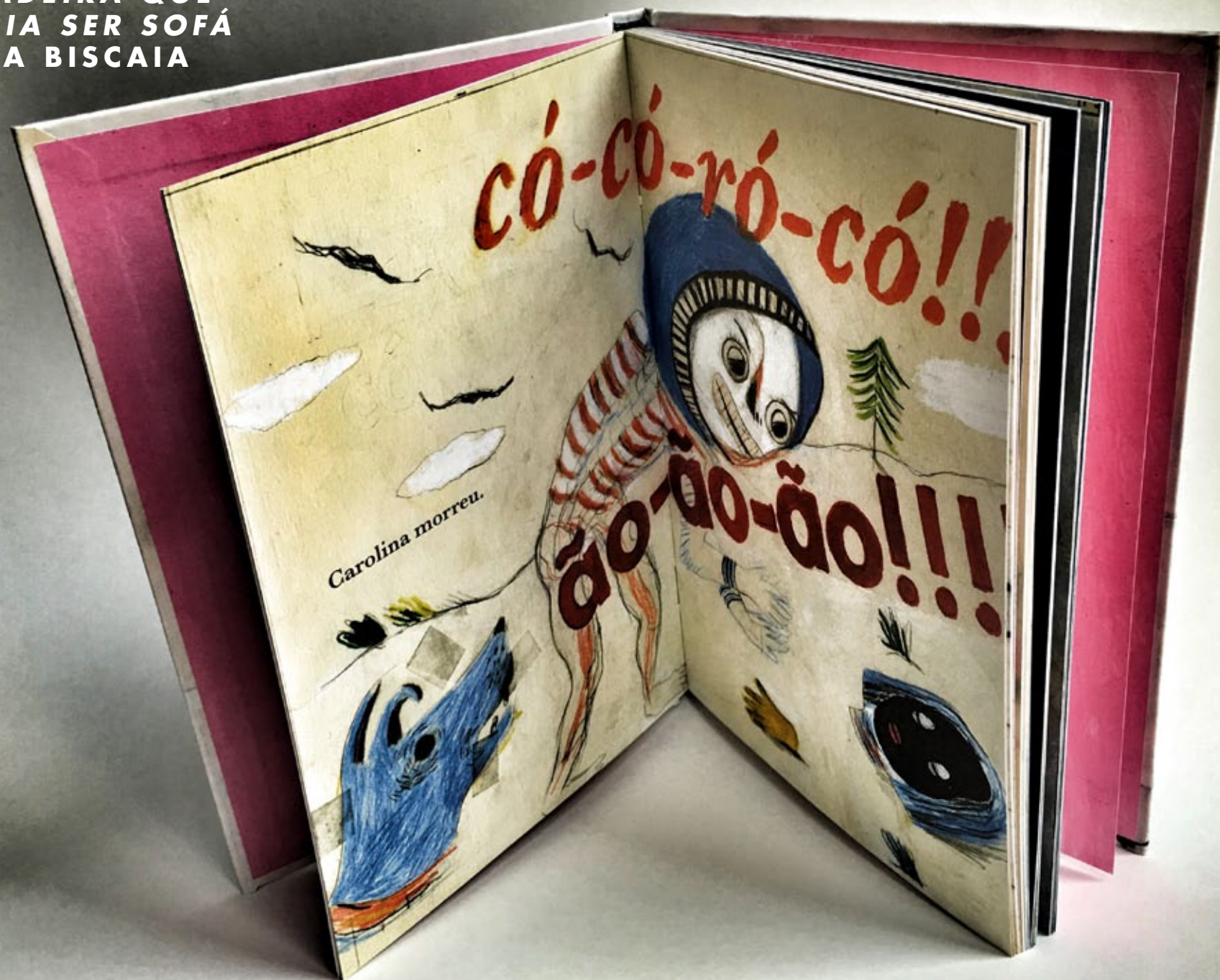
pergunta porque terá sido a única ilustradora a vencer o Prémio Nacional de Ilustração duas vezes, em 1998 e em 2006, Teresa Lima não sabe bem o que responder. «O trabalho com que fui distinguida da primeira vez é completamente diferente do segundo, talvez seja por aí.»

Apesar do seu estilo inconfundível pleno de referências da pintura e de figurações sempre em movimento, a ilustradora não hesita em afirmar

que a sua obra evoluiu porque não consegue trabalhar sempre da mesma maneira. «A mim aborrece-me estar sempre a repetir coisas. Gosto de experimentar. No segundo livro premiado a técnica é diferente em termos de materiais, a linguagem plástica também se foi simplificando.»

Tudo começou quando Teresa Lima, recém licenciada em pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, se deparou com dois livros na montra de uma livraria: um de Henrique Cayatte e outro de Ângela de Melo. «Olhei para os livros e constatei que se faziam coisas diferentes em termos de ilustração. Não esqueçamos que naquela altura não havia Internet, era preciso sair para ver coisas diferentes.» Decide então apresentar um portefólio que cria a partir de três clássicos: *Alice no País das Maravilhas*, *A Flauta Mágica* e *O Capuchinho Vermelho*. Para cada um faz uma ilustração e entra em contacto com a Caminho. Lá recomendam-lhe que tente no Porto, onde há várias editoras infantis. Estamos nos inícios da década de 1990. Teresa Lima vai à lista telefónica e encontra a editora Civilização. Maria José Costa gosta do que vê e propõe-lhe ilustrar *A Cor das Vogais*, de Vergílio Alberto Vieira e o clássico que viria a ser distinguido, *Alice no País das Maravilhas*. Com *A Cor das Vogais*, Teresa Lima integra a Lista de Honra do Ibby, proposta pela secção portuguesa, e vai ao congresso internacional, com financiamento da Gulbenkian, onde tem pela primeira

2012
A CADEIRA QUE
QUERIA SER SOFÁ
ANA BISCAIA



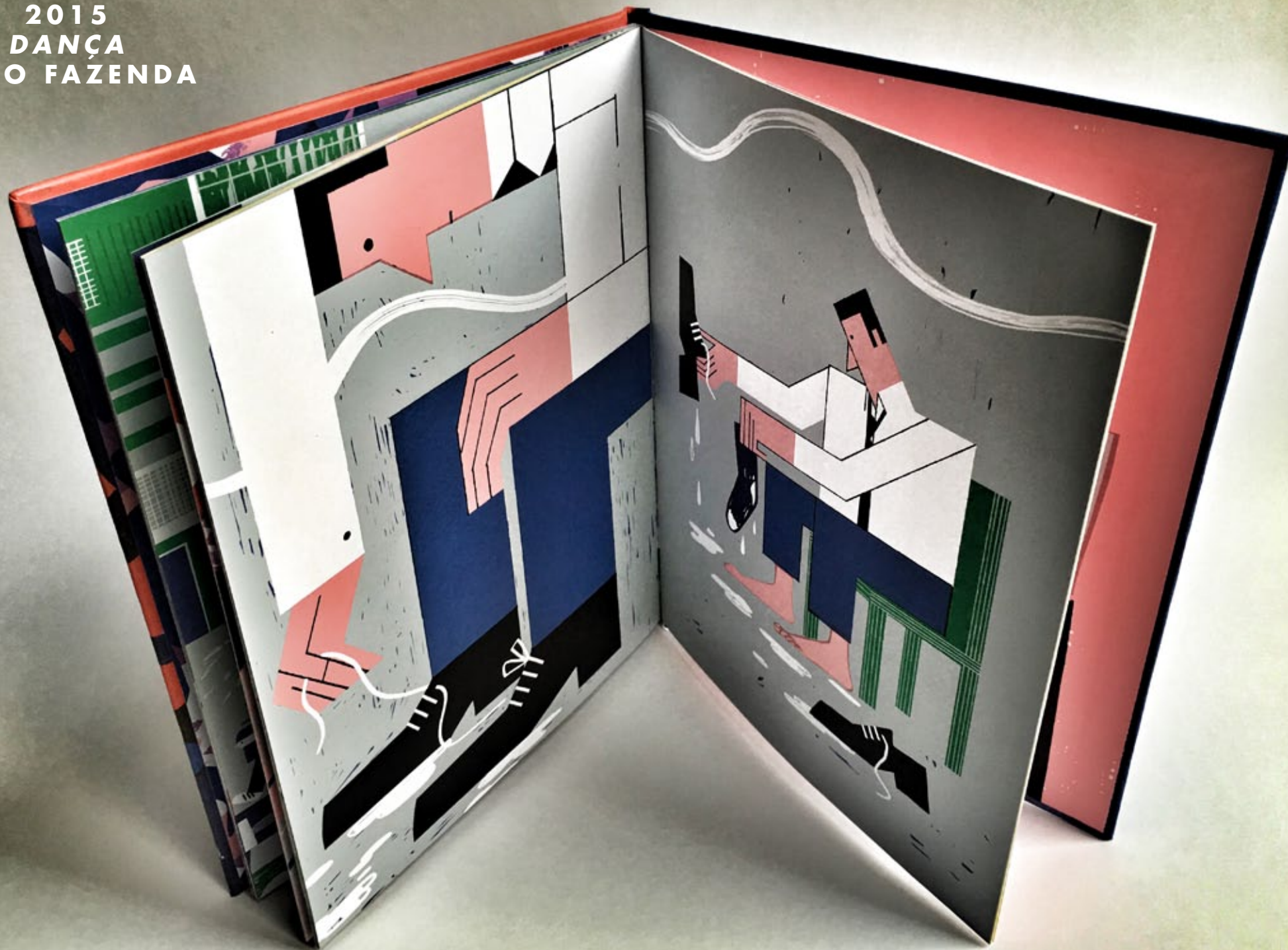
vez contacto com o catálogo da exposição internacional de ilustração da Feira do Livro de Bolonha. Estamos em 1994 e Teresa Lima dedica-se então a *Alice* indo beber alguma da sua estética a Paula Rego e aos azulejos da Sé do Porto, pelo seu aspeto cenográfico e barroco. «Lembro-me de que quando vi a exposição da Paula Rego pela primeira vez na Gulbenkian ter achado que se podia fazer figuração e ser-se contemporâneo ao mesmo tempo. Porque no meu tempo, a figuração não era muito bem vista nas Belas Artes.»

Em 1998 chega o Prémio Nacional de Ilustração e com ele a carreira de Teresa Lima muda. «Em vez de ser eu a ir às editoras, começo a ser contactada e tenho mais trabalho.» Já a sua legitimação pelo mercado editorial não foi nem imediata nem constante. A propósito Teresa Lima partilha a sua mais recente experiência com a Porto Editora, que está a reeditar a obra da escritora Luísa Ducla Soares. Tendo já ilustrado o livro *Se os animais se vestissem como gente* pela Civilização, Teresa Lima aceitou ilustrar a nova edição de *O Casamento da Gata*, a sair no final deste mês. Todavia, quando se tratou de contratualizar os direitos de autor, e ao contrário da vontade da própria Luísa Ducla Soares, a editora recusou-se a pagar direitos de autor à ilustradora, justificando que a política da editora é a de pagar direitos de reprodução. Teresa Lima confessa que aceitou o contrato de direitos de reprodução por amizade à escritora com quem gosta muito de trabalhar.

Mas a Porto Editora não é a única. A Âmbar funcionava assim e a D. Quixote, há alguns anos, também, recorda a ilustradora. Na Direção de Serviços do Livro a equipa sempre esteve consciente desta questão. A divisão de direitos de autor entre escritor e ilustrador é sinónimo de reconhecimento igual do trabalho de ambos e esse é um dos principais objetivos do Prémio. «O prémio quer valorizar o ilustrador, fazê-lo ser autor.» reitera Maria Carlos Loureiro. Outra batalha foi a de colocar o nome do ilustrador na capa dos livros. «Há grandes editoras que continuam a não colocar o nome do ilustrador na capa. E concorrem ao prémio. Isso normalmente vem mencionado nas atas dos juris.» declara Vera Oliveira. Podemos confirmá-lo ao ler a ata da 19.ª edição, lavrada por si, por Pedro Moura e Adriana Baptista: «(...) a quantidade de obras a concurso nem sempre traduz um cuidado sistemático e uma atenção holística para com a integridade do livro enquanto objeto. Algumas obras evidenciam um descuido incompreensível ao nível do design gráfico que se traduz num desrespeito pelo trabalho do ilustrador e denota a inexistência de sinergias editoriais que uma vez mais resultam no empobrecimento do projeto. Acresce a este problema a manutenção da prática obsoleta de omitir o nome do ilustrador na capa.»

Para mudar esta prática por parte das editoras era necessário que os ilustradores ganhassem mundo, daí o apoio especificamente canalizado para visitar a Feira de Bo-

2015
DANÇA
JOÃO FAZENDA



lonha. Mais uma vez, a experiência de Teresa Lima é paradigmática. «Ir a Bolonha foi aterrar num mundo completamente diferente. O maior impacto foi ver a dimensão da feira e a mostra de ilustração, poder ver os originais, as técnicas, como se pode fazer o que estou a ver. Lembro-me que foi um fascínio!» Foi nessa primeira visita que conheceu o trabalho de muitos ilustradores estrangeiros e tomou contacto de perto com os catálogos de algumas editoras, nomeadamente francesas e italianas. «Ao ver aqueles catálogos questionei-me: porque é que os editores portugueses não editavam cá tanta coisa boa que havia? Mas sei o que é, é uma questão financeira, os outros livros mais comerciais venderiam mais. O gosto tem de se educar e o público estaria mais predisposto a outro tipo de ilustração.»

Um balanço para o prémio

Passados vinte anos, ter-se-ão cumprido os desígnios do Prémio Nacional de Ilustração. O ilustrador está mais legitimado, há mais mediadores sensíveis a projetos editoriais inovadores em Portugal, os ilustradores portugueses têm mais visibilidade internacional. E, de entre os melhores, quase todos venceram o prémio, salvo uma ou outra exceção. Os que ainda não venceram, muito provavelmente vencerão. «O prémio apareceu na altura certa – porque não se

20 ANOS DO PRÉMIO NACIONAL DE ILUSTRAÇÃO

deve só ao prémio este boom na ilustração, é um boom mundial – com a função certa e, com relativamente pouco dinheiro, cumpriu-a. É um serviço público.» É o balanço de Vera Oliveira e de Maria Carlos Loureiro. Perante a questão de se alargar o Prémio a todo o trabalho de ilustração em livro, seja para crianças, jovens ou adultos, ambas manifestam dúvidas. Por um lado, faz sentido pensar na literacia de imagens relativamente ao público adulto e até reconhecer alguma ilustração que se cria fora das fronteiras do livro infantojuvenil. Por outro, o lugar do trabalho de ilustração nos livros infantojuvenis não é absolutamente reconhecido. Pedro Moura concorda que ainda estamos longe de criar ilustração que justifique uma mudança. E é preciso que a ilustração se reinvente e os alunos de design gráfico e ilustração arrisquem e não sigam imitando modas. Que continuem à procura de novas referências e ideias.

A lista completa dos vencedores e das menções especiais do Prémio Nacional de Ilustração está disponível no site da DGLAB, que inclui as capas de todos os livros premiados.

<http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/premios/premiosAtribuidosDglb/Paginas/PremioNacionalIlustracao.aspx>

AND THE WINNER IS...

WHITE RAVENS

Já é conhecida a lista de livros que integram a seleção **White Ravens** de 2016. O catálogo dos melhores livros do ano resulta de uma análise de especialistas da Biblioteca Internacional da Juventude, depois de receberem obras de todo o mundo, enviadas por editores, autores e entidades particulares. Será apresentado na Feira do Livro de Frankfurt e conta com 200 títulos de 60 países. De Portugal

constam três: *Viagens de Chapéu. As invenções e indecisões de D. Amélia Longor*, de Susana Cardoso Ferreira com ilustrações de Susa Monteiro (Oficina do Livro), *Poemas para Bocas Pequenas*, o audiolivro de Margarida Mestre e António Pedro, ilustrado por Marta Madureira (Boca) e *A Maior Flor do Mundo*, escrito por José Saramago e com ilustrações de André Letria (Porto Editora).





ANDREIA BRITES

VISITA GUIADA

VISITA GUIADA: NUVEM DE LETRAS

Da ampla janela que ladeia a sua secretária Eurídice Gomes não recebe sol direto,

o que a afeta um pouco, e a vista também não é lá essas coisas. Apesar do que parecem ser desvantagens, a verdade é que a localização do escritório da Penguin Random House em Portugal não podia ser mais central, bem junto à rotunda do Marquês de Pombal, em Lisboa.

Porque gosta de cantos, quando mudaram de andar no edifício de escritórios, em abril, a editora da Nuvem de Letras escolheu aquela secretária no *open space* que acolhe oito pessoas. Clara Capitão, a diretora-geral e executiva e também editora das chancelas Alfaguara e Companhia das Letras em Portugal, está num gabinete ao fundo, por onde passamos a caminho da sala de reuniões, onde a nossa conversa não incomodará quem trabalha.

Na verdade, a maior parte da equipa tem o hábito de usar auscultadores para ouvir música, o que ajuda ao silêncio geral. Por isso Eurídice não se queixa de ruídos quando precisa de se concentrar para ler. Para além disso defende que quando um livro é bom o leitor consegue abstrair-se, pelo menos assim acontece consigo.

Entre a estante na parede e a lateral da secretária constam pelo menos três mensagens políticas, uma das quais numa vinheta de Calvin & Hobbes, uma paixão de sempre. Ativismo e humor juntam-se a pequenos presentes da família ou de amigos próximos: um postal, um marcador de livros, uma galinha de pano... Também há livros, muitos chegados de editoras estrangeiras para avaliação, e dinossauros de cartão. Quando conversamos sobre o catálogo e os princípios que norteiam as escolhas da editora tudo se conjuga. Nascida em outubro de 2015, a Nuvem de Letras integra o grupo Alfaguara/Penguin Random House e dedica-se exclusivamente ao público até aos 12 anos. Estreou-se com o primeiro volume da coleção *Ténis Vermelhos*, de Ana Punset, que já fazia muito sucesso em Espanha e tem corrido acima das expectativas em Portugal. Sem uma linha editorial muito marcada, há experiências que otimizam os recursos internacionais do grupo,

VISITA GUIADA: NUVEM DE LETRAS

como o licenciamento da marca Patrulha Pata, e muitos livros que chegam e em que a divisão literária infantil portuguesa não aposta.

Eurídice Gomes segue o mote da diversidade e no último ano publicou cinquenta títulos que o comprovam. Todavia, a personagem que a editora considera o paradigma do que deseja para a chancela é o elefante Elmer, de David McKee. *Bestseller* para a primeira infância, este é o elefante que faz barulho, incomoda, é feliz, diverte-se e vive as suas diferenças, e dos outros, como alegria e diversão.

Depois de livros mais instrumentais, no próximo ano estão previstos alguns títulos da coleção de narrativas.

Ao invés, o álbum *História dos seis homens que procuravam a paz*, do mesmo autor, não tem nada de apaziguador. Sendo para crianças, Eurídice considera que este é um bom exemplo de um livro que não se esgota nas crianças, e de como isso também é necessário. O seu desejo é «tomar parte naquilo que é a formação dos miúdos, combater o pensamento único e desenvolver o pensamento crítico». *Malala, a menina que queria ir à escola* reflete esse princípio e abre, na chancela, espaço para a não ficção para crianças a partir dos nove anos que não se esgota nos livros de curiosidades.

Por outro lado, um dos livros preferidos da editora, *Monstruário*, consiste num livro de atividades plásticas, de raciocínio e observação, tendo um grupo de monstros como protagonistas.

Já em novembro preparam-se mais dois títulos com curiosidades e jogos. A outra não-ficção é mais difícil porque não existe uma oferta de qualidade tão diversificada. Todavia, como o ensaio nasceu na Objetiva, a primeira chancela do grupo e onde todas as editoras continuam a publicar, há uma espécie de contaminação ideológica para a Nuvem de Letras e a Nuvem de Tinta, a chancela juvenil onde Eurídice também pretende desenvolver a não ficção. «É importante haver um mundo de brincar mas também temos de dar contexto e realidade.»

FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA

Diario de Noticias



Diario de Noticias



TOOLS TO HELP
YOU SELL



OSTI

JUICE & SMOOTHIE RE

URGENCE

La ECONOMÍA del BIEN COMÚN

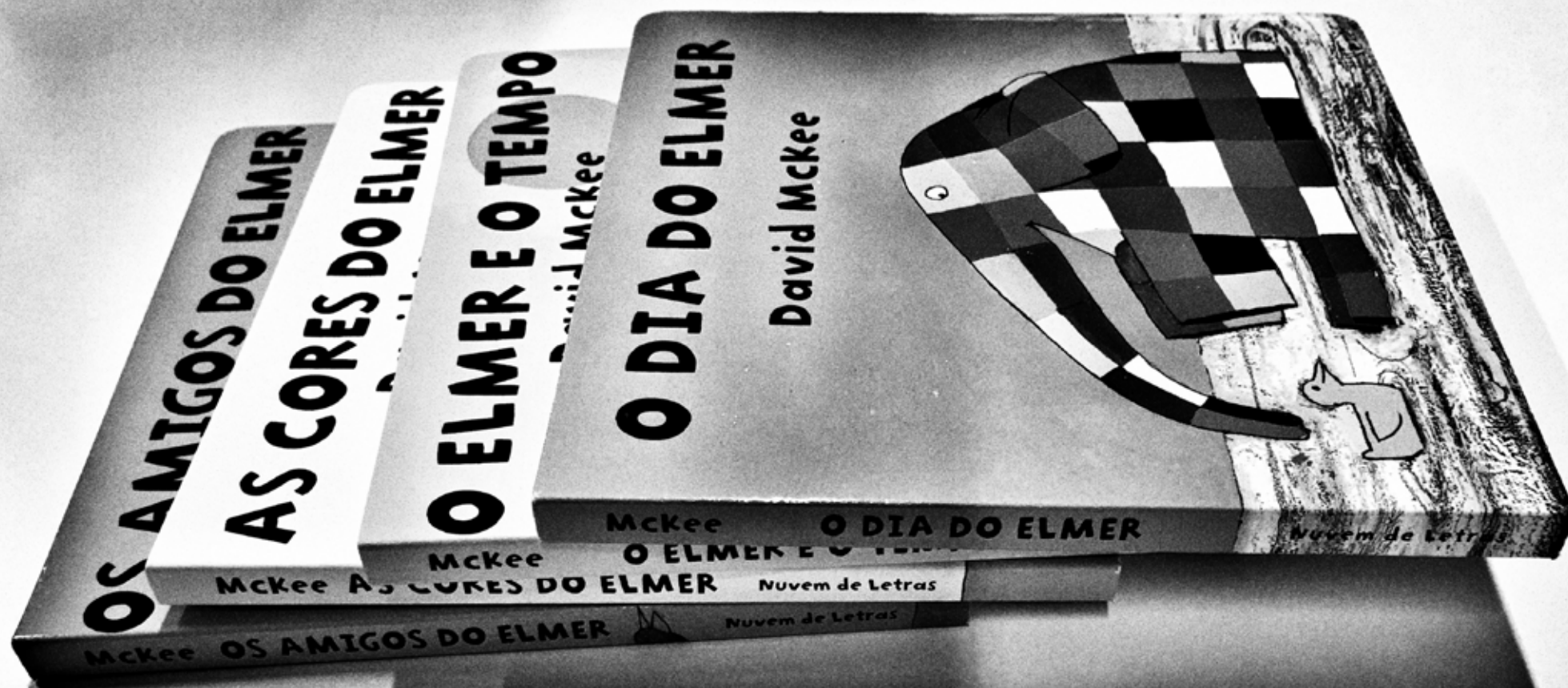
Vivir de

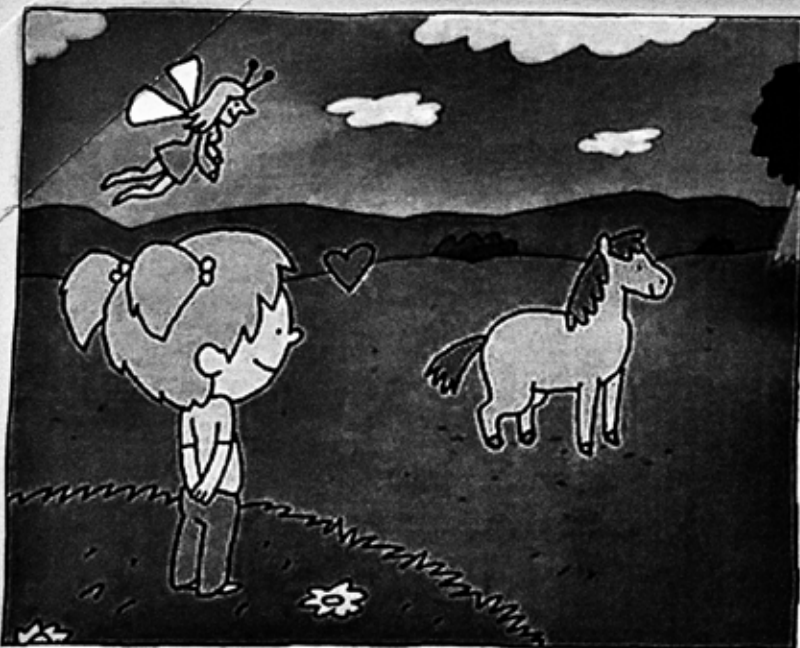
GUERINOTI EMMETT

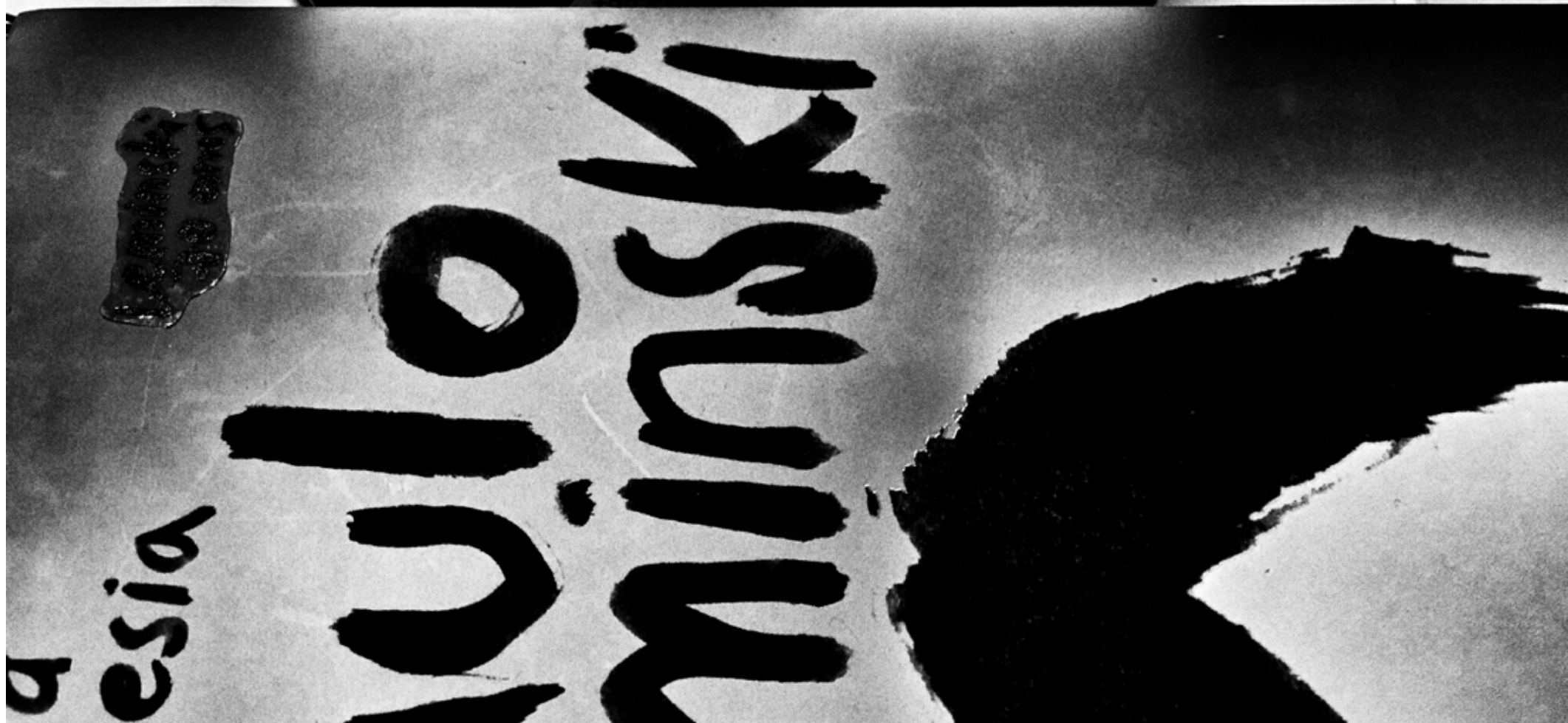








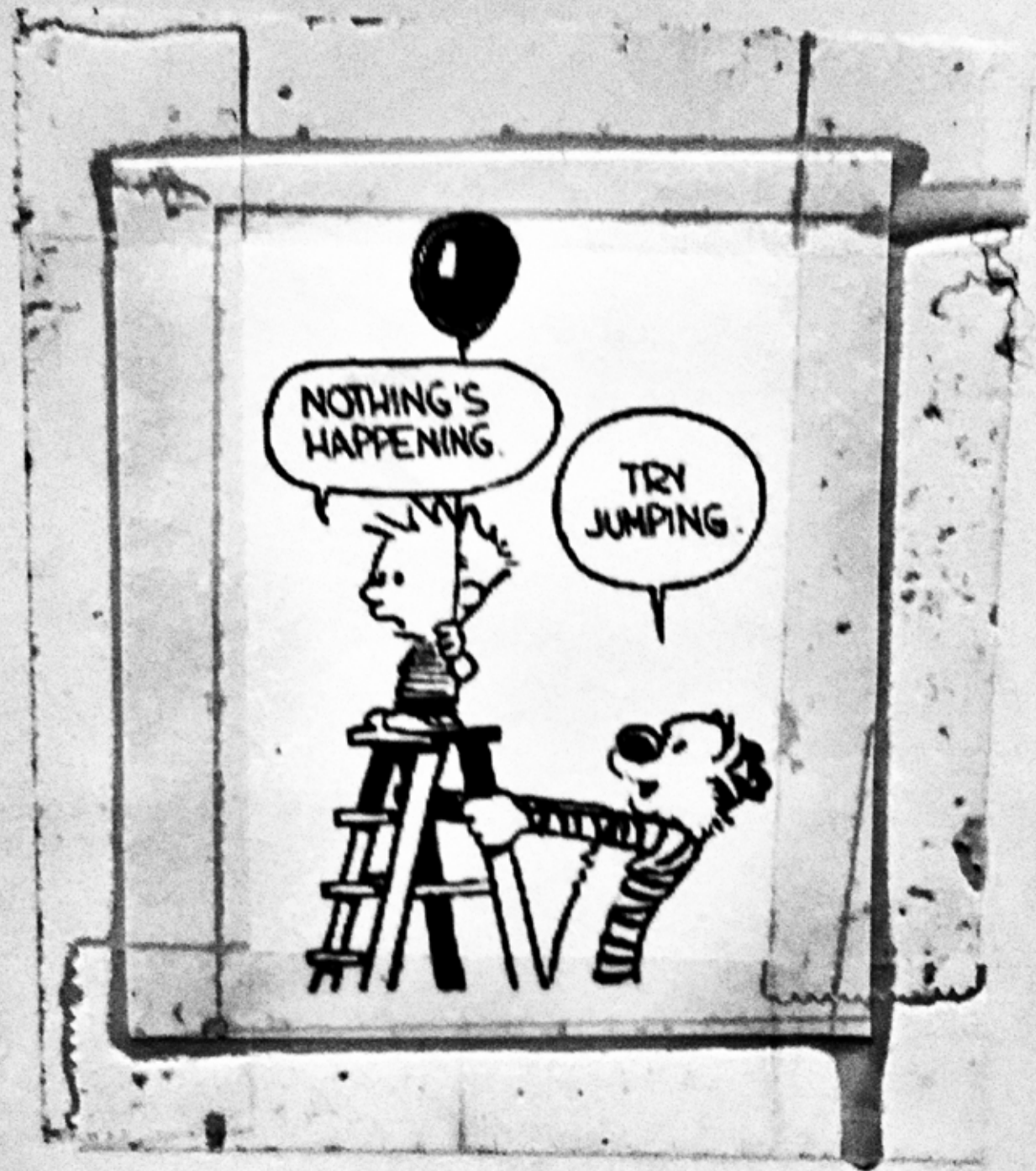




A black and white photograph of a dog's head hanging out of a car window. The dog is looking upwards towards a cloudy sky. The car's interior and window frame are visible. The text "DOGS HANGING OUT OF WINDOWS" is overlaid in white capital letters at the bottom of the image.

DOGS
HANGING
OUT OF
WINDOWS





Conta-quilómetros
Madalena Matoso
Planeta Tangerina

Não é a primeira vez que a ilustradora ensaia uma experiência que tira proveito da morfologia do objeto livro. Em *Todos fazemos tudo* Madalena Matoso usa o corte horizontal das páginas para exemplificar a tese que apresenta no título do álbum. O que *Conta-quilómetros* propõe é algo um pouco mais arrojado do ponto de vista narrativo: a progressão depende exclusivamente das escolhas de cada leitor, ao virar as páginas. Podendo realizar todas as combinações que o corte permite, desde a primeira página superior com a última inferior, o leitor confronta-se com os limites da ordem. Mas nunca, mesmo quando o carro atravessa o túnel ou descansa na berma para que os seus ocupantes vejam a paisagem ou pesquisem no mapa uma direção, nem aí é impossível encontrar uma lógica. As figuras desafiam constantemente o leitor a integrá-las num contexto, que tanto se revela comum (blocos de prédios, uma estrada acidentada, uma estrada junto à praia sob um sol convidativo) como inusitado, quando os animais se antropomorfizam.

Madalena Matoso não esquece a geometria formal e usa-a em diversos elementos: na estrada, ora retilínea ora com curvas e contracurvas; no carro, semelhante em tudo à composição simplificada que as crianças criam mas que aqui e ali sofre alguma alteração; em pequenas árvores, prédios e veículos que, pela sua dimensão na página, logo remetem



para a memória dos primórdios dos jogos de computador.

A velocidade ou a lentidão da leitura depende de como se viram as páginas, se se progride e regride ou se segue ordeiramente até ao final. Como se explica na contracapa, podem até saltar-se alguns momentos e encurtar a viagem, acabá-la mais cedo ou degustá-la lentamente. Seja como for, cada um marcará o seu ritmo e a sua distância. O conta-quilómetros é sinónimo de movimento, vê-lo alterar-se torna-se quase viciante. É ele que tem o poder de dar

informações preciosas do que já se andou e do que falta para chegar. O que fazem os ocupantes do veículo com elas, a eles diz respeito. Neste caso, o leitor tem o total poder sobre o conta-quilómetros, o que parece muito, mas apenas lhe revela tudo o que o livro não desvenda, apenas insinua.

Não saberemos quando sai aquele trio, porque sai, para onde vai e se chega de facto ao seu destino. Sabemos de um caracol que aparece e os acompanha. E de uma lavagem automática no final, se quisermos. Esse desconhecimento mobiliza a atenção e a curiosidade para uma geografia em mudança permanente: filas de trânsito, hortas paredes meias com estradas de grande fluxo, túneis, campos onde pastam vacas ou ovelhas, praias, montanhas, vendedores de fruta à beira da faixa de rodagem...

Neste *travelling* geográfico o carro está quase sempre em primeiro plano, com a condutora à frente e atrás uma passageira mais velha ao lado de uma criança. As observações comentadas entre si são poucas e manifestam sobretudo emoções que derivam da situação: espanto, desconforto, entusiasmo, ansiedade. A estas juntam-se pequenos comentários, sugestões ou indicações. Soam familiares. No entanto, tudo o que partilham, só o sabemos a partir do exterior. Intuímos, supomos e continuamos a passar as páginas, descobrindo novas peças e novos sentidos.



Palavras Viageiras
João Pedro Mésseder
Paul Hardman
Xerefé

Na contracapa explica-se, para que não restem dúvidas ao leitor, o que é uma palavra viageira. “É uma palavra que viaja muito dentro de nós. Deixa de ter só os significados que tinha e ganha outros, um pouco diferentes ou muito diferentes até. (...)”. Vejamos: para o que nos remete a palavra ovo? E a palavra dor, galo, leão, upa? João Pedro Mésseder mantém-se fiel às formas poéticas breves e redescobre novos sentidos, partindo sempre de um conjunto de referentes. A metáfora deriva de um desvio metonímico que se pode deter no significado tanto quanto na fonética ou no grafismo do signo. O que Mésseder sempre alcança é o equilíbrio dos versos, o tom melódico que apenas um ritmo cadenciado permite. Mas também o ritmo, que ora se suspende no final do poema, ora acompanha um desvanecimento natural da última palavra, depende de uma retórica cuidadosamente trabalhada, ao serviço de uma intenção precisa.

As formas poéticas breves, entre as quais o haiku japonês é o mais conhecido, implicam uma contenção que não permite qualquer aproximação do discurso da comunicação. A fronteira é muitas vezes tênue, como na definição de UPA: “Palavrinha que,/não sei porquê/ajuda as pessoas/a subir/para um lugar qualquer.”

Parece prosaico, mas lido e ouvido, soa poético. E pensado, nada tem do quotidiano exceto essa experiência que o poeta expressa na contracapa do livro, quando anuncia o que são palavras viageiras. Por serem viageiras, acrescente-se, movimentam-se. Essa ausência de fixação, também ela simbólica, impede o poeta de as



definir absolutamente. Ao contrário, define-as em movimento, parcialmente, sem almejar nada que não seja uma imagem possível. Não há, neste livro, assim como na sua obra poética, a tentação do absoluto ou do perfeito. Ao contrário, os poemas expressam um misto de sentidos e experiências que revelam a implicação e a possibilidade.

Enquanto imagem, Paul Hardman destacou, em cada poema, a sua organização alfabética, aproximando-o de um caligrama. À letra inicial, o ilustrador acrescenta ação ou contemplação que amplia o sentido original do texto. Aquele que sobe a palavra UPA é um ladrão, que não só não é mencionado no texto como o compromete na sua aparente cadência ingénua. UPA, palavra que se destina à infância, a valorizar e incentivar a autonomia, e à verticalidade. Ironia e humor que não ferem o texto, ao invés com ele dialogam. Muitas letras integram o corpo da ilustração, outras constam apenas da palavra a descrever. Algumas têm um efeito especular que enfatiza o valor simbólico do poema, outras são por si só representações figuradas das metáforas apresentadas.

Para cada palavra, uma história, uma possibilidade e um diálogo a três: o texto, a imagem e o leitor. Poeticamente.



Silêncio redondo e fechado,
que atrai e perturba –
e onde gostarias de dormir
pelo menos uma hora.



SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

PLANETA

DOS

saramaguiana

josé saramago

MACACOS

Crónica publicada originalmente na revista *O Ribatejo Ilustrado*, 14 de dezembro de 1990

Alguns leitores talvez ainda se lembrem de um romance francês, de Pierre Boulle, salvo erro, que no tempo da sua publicação foi recebido com grande favor do público e aplauso da crítica, penso eu que mais pelo carácter insólito do tema do que por indiscutíveis méritos literários. Chamava-se a festejada obra *O Planeta dos Macacos*, e da curiosa mas afinal pouco surpreendente história, o que se pode dizer, simplificando, é que já estava, toda ela, contida no título: um planeta povoado por macacos organizados segundo modelos políticos, culturais e sociais nossos conhecidos, porquanto eram, por assim dizer, mera repetição dos sistemas que a Humanidade tem criado ao longo dos séculos.

Na sociedade daqueles macacos podia-se encontrar tudo o que, para bem e para mal, vem definindo a sociedade dos homens: havia chefes, facções, intrigas, crimes, polícias. Havia macacos maus e macacos bons, macacos apaixonados e macacos ciumentos, macacos feios e macacos bonitos. Exactamente como cada um de nós e as pessoas que vivem na nossa rua.

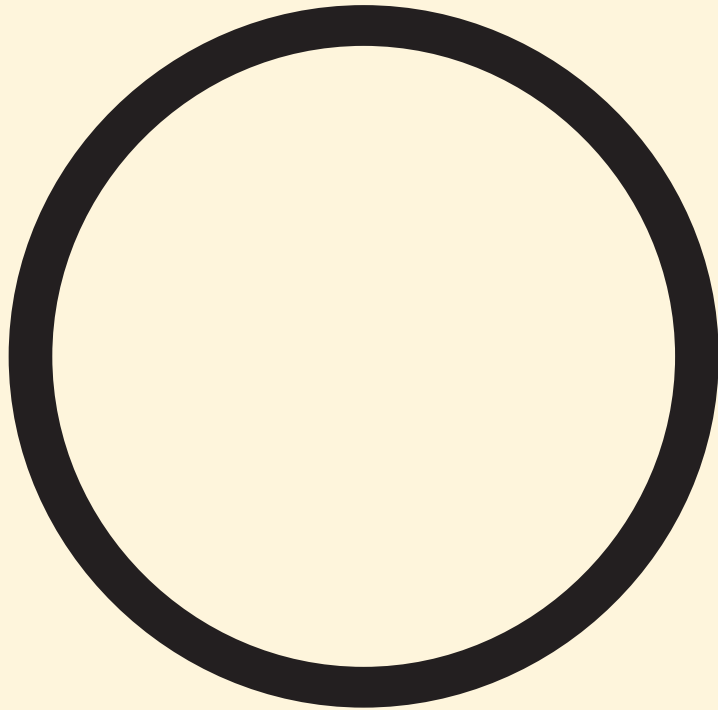


D

evo confessar que nunca li o livro. O que dele imagino saber, hoje, é tão-somente o que viria a ser-me explicado, anos depois, no filme que dele foi extraído, produto ingênuo entre os que mais o sejam, às vezes ridículo pela preocupação moralista de acentuar a evidência de que tudo ali se passava como se, em vez de macacos, os heróis e figurantes da história fossem representantes da nossa espécie. A intenção acabava por tornar-se pleonástica ao serem introduzidos no conflito alguns seres humanos, dos autênticos, astronautas desembarcados no planeta em consequência duma avaria da nave em que viajavam: tornava-se então medianamente claro que tudo aquilo era a mesma gente, os macacos

comportando-se como homens, os homens comportando-se como macacos. E, para que não restasse a mínima dúvida sobre o derradeiro significado da mensagem, descobriríamos, nas derradeiras sequências do filme, que os astronautas, sem saberem, tinham regressado ao entretanto destruído planeta Terra, que havia sido palco duma guerra atômica e onde os macacos tinham ocupado o lugar dos homens.





ra, é tempo de recordar, as relações de identidade entre homens e macacos começaram há muitos e muitos séculos, quando o inglês estava ainda por inventar e portanto nem podia saber-se onde estariam e quem viriam a ser os tataravós de Darwin. O que quase toda a gente ignora é que o segredo de tais relações, íntimas, no exacto sentido do termo, está inscrito e revelado, de modo maravilhoso mas edificante, nuns antiquíssimos textos sobre a criação de Adão, segundo os quais (transcrevo de *Os Mitos Hebreus*, de Robert Graves e Raphael Patai) «Deus tinha dado a Adão um tamanho tão grande que quando estava deita-

do se estendia de um extremo ao outro da Terra, e quando se levantava a sua cabeça ficava ao nível do Trono Divino. Além disso, tinha uma beleza tão indescritível que embora posteriormente as mulheres mais belas parecessem macacas em comparação com Sara, a esposa de Abrão, e Sara tivesse parecido macaca em comparação com Eva, a própria Eva parecia uma macaca em comparação com Adão, cujos calcanhares – sem falar do rosto – brilhavam mais que o sol. No entanto ainda que Adão tenha sido à imagem de Deus, também ele parecia um macaco em comparação com Deus». A conclusão que daqui se extrai não se limita a ser lógica, é imperativa e fulminante: desde que o mun-



do nasceu, desde o primeiro sopro da Criação, digamos mesmo a partir do pensamento primordial concebido pelo Criador na sua transcendental cabeça, logo aí ficou providenciado, para todos os tempos vindouros, que para o homem, macaco desde Adão, sempre haveria outros homens a quem teria o direito e o poder de tratar como macacos, em conformidade com as normas e as nomenclaturas estabelecidas, de raça, cor, religião, classe, riqueza, ideologia, costume, etc.

Os exemplos, mais do que abundarem, sobejam. Bastará recordar aquele macaco que foi Giordano Bruno, queimado pela Igreja Católica, e, já que não é possível referir aqui, página por página, a História Universal, tanto a remota como a recente, lembremos apenas que para a Alemanha de Hitler os judeus eram macacos, que hoje, para os judeus, são macacos os palestinos, e que, para os muçulmanos em geral, Salman Rushdie, será macaco até ao fim da vida. Sábio, lúcido e céptico era Castelao, esse admirável galego que os Portugueses deveriam conhecer melhor, quando nos falava daquele homem que um dia resolveu comprar um cão para poder ter em quem mandar. O pobre diabo, colocado por um negro destino nos últimos lugares da escala social, fez de cão macaco para poder sentir-se homem. E eu, também macaco de macacos, começo a pensar que a Humanidade, afinal das contas, não passa de um macaco neurótico que morde sem parar a sua própria cauda.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



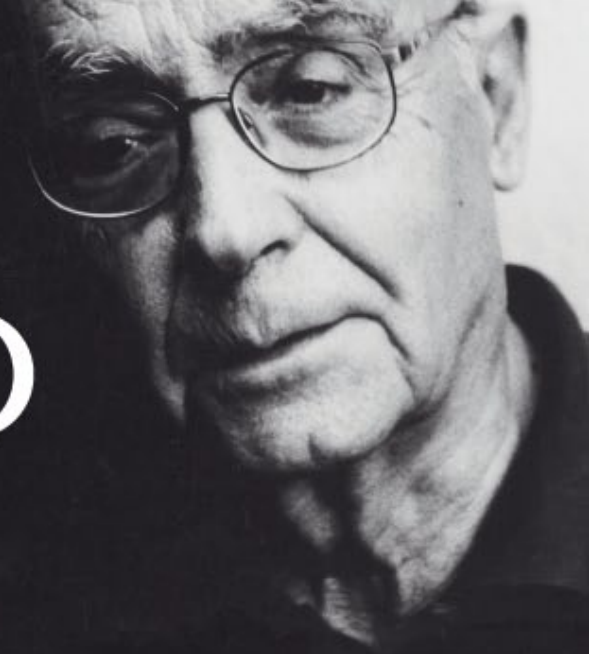
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



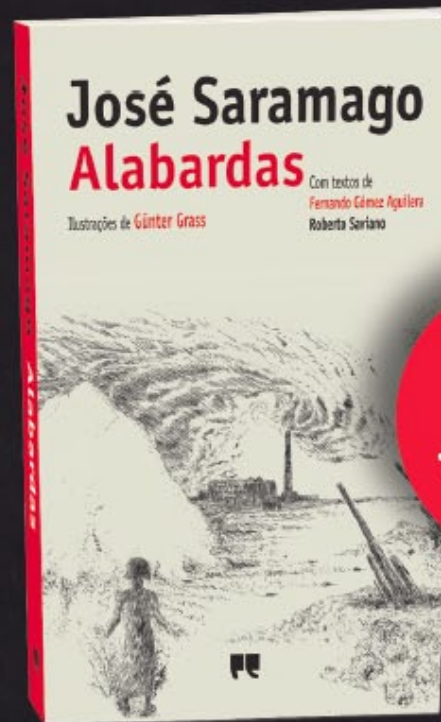
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, Cadernos de Lanzarote

A Casa José Saramago

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



até
27 out

50 Anos Ponte
25 de Abril.
Memórias em
arquivo.

Aqui se reúnem
materiais diversos
sobre a Ponte 25
de Abril, entre
projetos, plantas
e fotografias,
celebrando meio
século da sua
construção.
Lisboa, Centro de
Informação Urbana
de Lisboa.
→

até
30 out

Clarice Lispector
& Eu — O
Mundo Não
É Chato.

Monólogo de
Rita Elmor, com
encenação de
Rubens Camelo,
sobre o universo
biográfico e
literário de Clarice
Lispector.
Rio de Janeiro,
Teatro Poeirinha.
→

até
30 out

El Cine de
MALBA Cine.

Ciclo de cinema
que celebra os 15
anos do Museo de
Arte Latino-
-Americana,
mostrando uma
selecção de filmes
argentinos que
fizeram a sua
estreia naquele
museu.
Buenos Aires,
MALBA.
→

até
15 jan

Lluïsa Vidal.
Pintora del
modernisme.

Retrospectiva da
obra da pintora
que deixou marcas
no modernismo
catalão e espanhol,
agora chamada à
linha da frente do
cânone pelo Museo
Nacional.
Barcelona, Museo
Nacional d'Art de
Catalunya. Até 15 de
Janeiro.
→

até
29 jan

Animal
Collective.

Exposição que
percorre os
trabalhos de alguns
dos mais dinâmicos
colectivos de
artistas da banda
desenhada
contemporânea
europeia.
Madrid, Centro
Cibeles de Cultura y
Ciudadania. Até 29
de Janeiro.
→

até
12 fev

Everything is About to Happen (Porto): Livros e edições de artista

Exposição bibliográfica da mais recente produção na área do livro de artista enquanto suporte e contexto para a arte contemporânea. Porto, Museu de Serralves.

→

até
19 fev

Metapintura. Un viaje a la idea del arte

Exposição que propõe um percurso pelos diferentes modos de encarar a pintura e a noção de arte entre o início da Idade Moderna e o final do século XIX. Madrid, Museo del Prado.

→

20 a
30 out

Doc Lisboa

14.^a edição do festival internacional de cinema documental de Lisboa, este ano com as vanguardas do documentário cubano e uma retrospectiva de Peter Watkins em destaque na programação. Lisboa, vários lugares.

→

21 out
a 6 nov

Amadora BD

27.^a edição do festival internacional de banda desenhada da Amadora, com o espaço e o tempo como tema central. Amadora, vários locais.

→

22
out

Os Serrenhos do Caldeirão, Exercícios em Antropologia Ficcional

Um olhar que cruza diferentes disciplinas e registos sobre a desertificação/desumanização da Serra do Caldeirão, pela coreógrafa e bailarina Vera Mantero. Viseu, Teatro Viriato.

→

Nós, homens, somos frágeis, mas, em verdade, temos de ajudar a nossa própria morte. E talvez uma questão de honra nossa: não ficarmos assim inermes, entregues, darmos de nós qualquer coisa, ou então para que serviria estar no mundo? O cutelo da guilhotina corta, mas quem dá o pescoço? O condenado. As balas das espingardas perfuram, mas quem dá o peito? O fuzilado. A morte tem esta peculiar beleza de ser tão clara como uma demonstração matemática, tão simples como unir com uma linha dois pontos, desde que ela não exceda o comprimento da régua.

Cadeira, in Objeto Quase